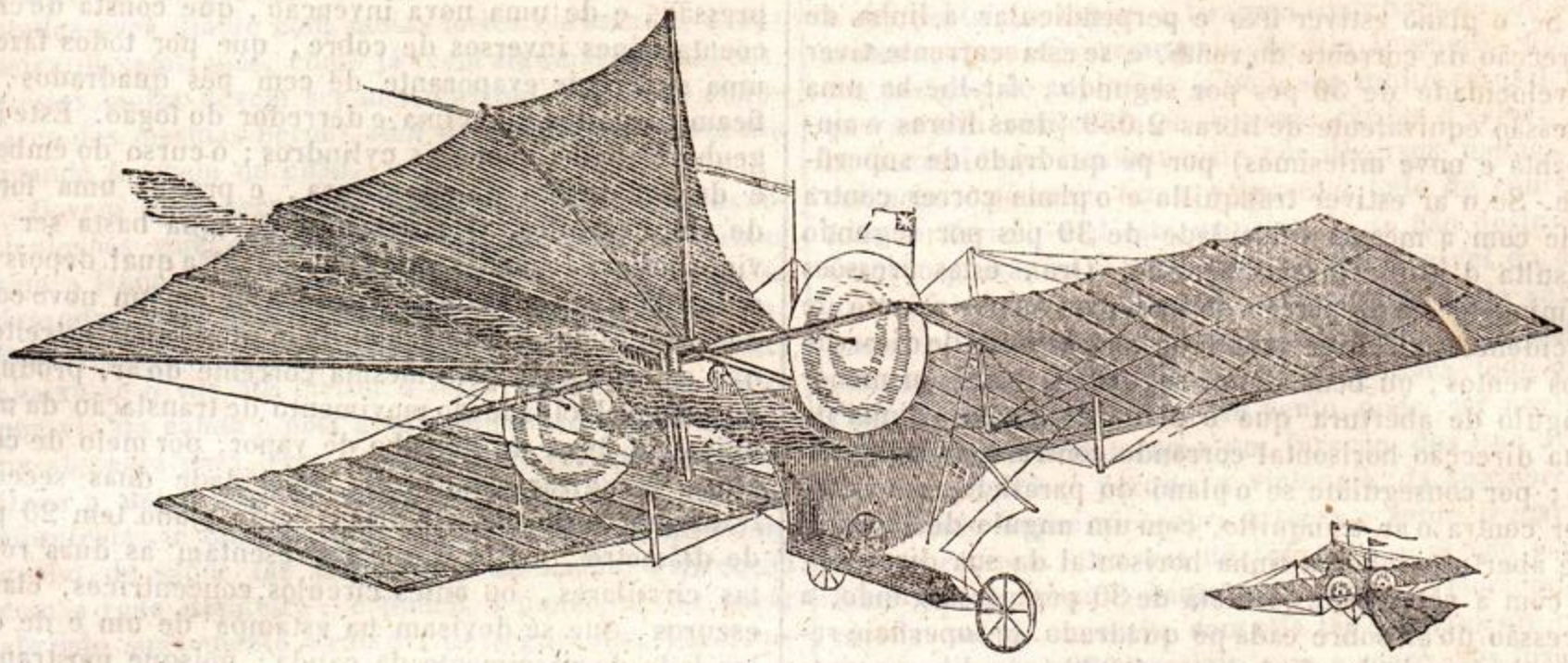
CONHECIMENTOS UTEIS.

NAVEGAÇÃO AÉRIA.



Tendo-nos sido possivel fazer gravar a *aéria carruagem de vapor*, que os nossos leitores estão vendo, dirigimo-nos ao Ex.mo Sr. *Visconde de Villarinho;* rogando-lhe nos désse uma explicação d'ella, e junctamente a sua opinião a tal respeito. Temos a satisfação de publicar a interessante carta, com que S. Ex.a nos honrou.

—

1576 *Illm.º Sr. Antonio Feliciano de Castilho.* — Vi com a maior satisfação e interesse o *Atlas* de sabbado 1.º de abril corrente n.º 881, V. 18, que V. me enviou, em que vem estampada a nova máchina de voar intitulada — *The Aerial Steam Carriage* — Aéria Carruagem de Vapor: o sistema, em que se funda a sua estabilidade aéria, é por certo uma das melhores invenções do espirito humano; é não sómente possivel, mas certissimo e infallivel. Não quero dizer com isto que a dicta máchina esteja inteiramente perfeita, e que não tenha ainda muitas coisas que precisam de diversos melhoramentos; ¿mas qual é a invenção dos homens que apparece logo perfeita? Nenhuma por certo; muitos seculos decorreram primeiro que chegassemos a ter as máchinas de vapor no estado em que as vemos, e postoque tão uteis sejam nem por isso deixam ellas de ter ainda muitos defeitos. A navegação, que levou muitos annos a aperfeiçoar, e que tem custado milhões e milhões de vidas, ainda é susceptivel de grandes melhoramentos: assim acontece a todas as artes, e a todas as sciencias; muito nos temos adiantado, muitos descobrimentos se teem feito, e muitos mais ainda se farão; porque ninguem sabe aonde estará o limite d'elles.

Passarei agora a descrever o machinismo e verdadeira figura da — Aéria Carruagem de Vapor; já que tudo isto me deu muito trabalho e me custou muito a compreender por falta de mais precisas explicações e melhores estampas.

Abril — 20 — 1843.

A principal peça d'esta ingenhosa máchina, d'onde depende toda a sua grande força de estabilidade, é essa que dá visos de umas asas abertas, é essa que realmente faz o officio de asas sem com tudo ter nenhum movimento de percução sobre o ar. É um parallelogramo feito de uma grade de madeiras leves, do comprimento de cento e cincoenta pés sobre trinta de largura, e coberto de uma capa de seda, ou linho. Pelo meio da largura d'este parallelogramo corre longitudinalmente de um a outro extremo uma barra de madeira fortalecida com argolas de ferro, e atravessada de varias travessas equidistantes a modo de degraus de uma escada de mão, e tem outras barras pelos dois lados maiores e menores, formando um caixilho.

O auctor d'esta machina teve sempre em vista a leveza de todas as peças componentes, reunida á maior resistencia possivel das mesmas peças, como se colhe do seu pêso total que é sómente de 600 libras: arremedou a idéa do Auctor da Natureza quando creou as aves; pois lhe fez os ossos occos, cheios de ar; deu-lhe poucas carnes, e revestiu-as de pennas muito leves. Ajuizo, portanto, que a sobredicta peça de madeira, d'onde se sustenta todo o pêso do machinismo, e de quanto leva dentro, deve ser uma barra de madeira feita de pedaços e occa por dentro; porque assim fica muito leve e mais forte do que sendo toda macissa. Ora, este grande parallelogrammo, que tem quatro mil e quinhentos pés quadrados de superficie (medida ingleza) vae pelo ar n'uma posição um pouco obliqua ao horisonte, e levemente levantada da parte de diante; vae de travéz offerecendo sempre todo o seu plano inclinado á athmosphéra que percorre com extrema rapidez, e d'aqui resulta a sua estabilidade, a qual cessa logo que parar. É o mesmo exactamente o que acontece aos papagaios de papel, que se manteem no ar emquanto o rapaz, que os leva, corre com velocidade puxando por elles se o ar se acha tranquillo, ou

tambem virados contra as correntes de vento e presos por um cordel; porque estas correntes passando por debaixo do plano inclinado, que elles lhe apresentam no seu corpo, fazem-lhe uma grande impressão, que tende a levantal-os uma vez que estão presos e não podem ser arrebatados pela mesma corrente.

Tanto effeito resulta de apresentar um dado plano fixo a uma corrente de vento de certa velocidade, como correr contra o ar tranquillo com egual velocidade.

Se o plano estiver fixo e perpendicular á linha de direcção da corrente do vento, e se esta corrente tiver a velocidade de 30 pés por segundo, far-lhe-ha uma pressão equivalente de libras 2,059 (duas libras e cincoenta e nove milesimos) por pé quadrado de superficie. Se o ar estiver tranquillo e o plano correr contra elle com a mesma velocidade de 30 pés por segundo resulta d'isto a mesma pressão. Ora, estas pressões diminuem em proporção do maior ou menor angulo de incidencia que fizer sobre o plano a linha de direcção dos ventos, ou bem assim, segundo o maior ou menor angulo de abertura que o plano fizer com a linha da sua direcção horisontal correndo contra o ar tranquillo; por conseguinte se o plano do parallelogramo correr contra o ar tranquillo, com um angulo de 30 gráus de abertura sobre a linha horisontal da sua direcção, e com a velocidade já dicta de 30 pés por segundo, a pressão do ar sobre cada pé quadrado de superficie reduz-se á equivalencia de libras 1,028 (uma libra e vinte e oito milesimos) o que multiplicado por quatro mil e quinhentos pés quadrados do parallelogramo lhe dá uma força de estabilidade aéria equivalente de quatro mil seiscentas e vinte e seis libras, d'onde se segue quê, — descontando o pêso da máchina, ainda fica um poder areostatico equivalente de quatro mil e vinte e seis libras, o qual se póde empregar em conduzir víveres, passageiros etc. ¡Sublime invenção, admiravel descobrimento!

É notavel que um papagaio, um brinquêdo de rapazes, caindo nas mãos de dois homens de genio, como foi o celebre *Benjamin Franklin*, natural de Boston, e agora é o illustre *M. Henson*, podésse fazer lembrar dois inventos tão uteis e tão admiraveis; — o primeiro descobriu o conductor eléctrico, pôde roubar o raio do céu, e entregal-o ao dominio dos homens; — o segundo transporta-os pelos espaços aérios, e faz a conquista dos dominios de Jupiter!

. . . . . Sublimis ad astra
More Deum rapior. . . . . .

Continuarei agora a descripção da máchina para o leitor compreender como trabalha e como é a sua figura.

Por baixo do grande parallelogramo está firme e presa a elle uma caixa de carruagem de 30 pés de comprimento e conveniente largura; está presa transversalmente á maneira do corpo de uma ave quando tem as asas estendidas. A figura d'esta caixa é similhante á de um barco com popa e prôa, e tem pela parte debaixo um carrinho de tres rodas, de figura aguçada para diante, o qual tem duas rodas na parte correspondente á popa, e uma só adiante correspondendo á roda de prôa. Quando a máchina está em terra sobre o dicto carrinho parece uma aguia com as asas e cauda estendidas, repousando sobre as pernas e prompta a principiar o vôo.

Aquillo que na estampa parece uma asa de morcêgo é a cauda estendida, que tem cincoenta pés de comprimento: é ella feita de barras leves de madeira com membranas de seda ou de linho á similhança das asas do peixe voador, ou do morcêgo, mantem-se aberta por meio de cordas que vão ter ao centro da carruagem. Articula esta cauda na trazeira, ou antes pôpa, da caixa aéria, e por via de outras cordas se faz abaixar ou levantar, segundo for conveniente para o vôo da máchina. Dentro da mesma caixa ou navêta, de que temos fallado vae um ingenho de vapor de alta pressão, e de uma nova invenção, que consta de cincoenta cónes inversos de cobre, que por todos fazem uma superficie evaporante de cem pés quadrados, e ficam dispostos por cima e derredor do fogão. Este ingenho trabalha com dois cylindros; o curso do êmbolo é de um quarto da sua altura, e produz uma força de vinte cavallos. O sortimento da agua basta ser de vinte *gallons* (canadas de Lisboa 63,3) a qual depois de reduzida a vapor se torna a condensar em um novo condensador, feito de um grupo de muitos tubos estreitos, que se refrescam pela mesma corrente do ar, produzido pela velocidade do movimento de translação da máchina. A força do ingenho de vapor, por meio de corrêas, faz girar com muita velocidade duas secções transversaes de umas hélices, cujo plano tem 20 pés de diâmetro: é isto o que representam as duas rosêtas circulares, ou antes circulos concentricos, claro-escuros, que se devisam na estampa de um e de outro lado do nascimento da cauda; poisque mostram o effeito que fazem na vista por causa da sua rapidissima rotação. Estas secções de hélices teem alguma similhança com as véllas de um moinho de vento; mas são feitas de taboas delgadas, e o plano de cada palhêta inclinado ao eixo; por isso revolvendo-se no ar ambiente levam a máchina para diante com grandissima velocidade; porque um ponto material da extremidade d'ellas toma a velocidade de um pouco mais de 60 pés por segundo. Dentro da mesma caixa ou navêtas ha beliches e commodos para os passageiros, os quaes tambem podem subir á tolda e passear um certo espaço sobre ella sem lhe fazer perder o equilibrio: d'alli podem ver este mundo á sua vontade, gosando da vista mais dilatada que póde haver, e que nenhum homem poderia gosar por outra fórma, a não ser a da ascenção aéria nos balões. — Por baixo da cauda ha um leme articulado na pôpa da navêta para governo da mesma, a qual tambem tem uma quilha muito larga feita de seda ou linho sobre uma grade ou coisa equivalente de madeira. O grande parallelogramo é convenientemente coberto de télla de seda ou de linho, a qual se divide em tres pannos: estes se colhem ou estendem por meio de cordas, as quaes passam por diversas roldanas e por cima de póstes levantados a angulos rectos pela parte superior, e abaixados pela mesma fórma do plano inferior.

A maior difficuldade que Mr. *Henson* encontrou foi a de fazer principiar o vôo da sua máchina; mas habilmente a venceu fazendo-lhe um plano inclinado de taboas e largando-a a tempo asado por elle abaixo em cima do carrinho; ella toma uma grande velocidade, o vôo principia e depois o ingenho de vapor movendo as hélices o continúa emquanto houver carvão e a máchina se não desmanchar. Eis-aqui pois explicada esta sublime invenção muito mais extensamente do que a vi no *Atlas*, e posta ao alcance de todos os leitores.

Agora, seja-me licito ponderar os defeitos que lhe

encontro, os perigos que tem, e a maneira que me occorre de os remediar.

Um grande defeito é o de não poder parar em qualquer estação para largar os passageiros ou tomar carvão; porquanto parando o movimento de translação falta a estabilidade aéria. Pode-se remedear fazendo nas estações de repouso uma larga estrada bem macadamisada, e que tenha pelo menos uma milha de comprimento. O carrinho não deve ser fixo mas sim á maneira de pernas de avestrus, articuladas e dobradas para diante com molas fortes enroscadas á maneira de sacatrapos, como já teem algumas carruagens, e estas molas devem ser mettidas nas aberturas angulares das mesmas pernas afim de amortecer a pancada quando tocarem no chão.

Devem estas pernas ter duas rodas nas segundas articulações que correspondem á dobradiça do *fémur* com a *tíbia*, e uma só roda nos pés a qual se possa desandar para um e outro lado de dentro da navêta. Por esta maneira, em chegando á estação competente abaixa-se o vôo até metter á terra, o que se consegue por via da cauda; pois abaixando-a tambem a máchina abaixará para terra; em tocando na estrada continúa a andar sobre as rodas por causa da velocidade adquirida, e tambem pela força das hélices que o ingenho de vapor faz trabalhar; dá-se-lhe a direcção com a roda dianteira, e pouco a pouco se faz parar abrindo suavemente a válvula de segurança. Para tornar a principiar o vôo faz-se no fim da carreira um plano inclinado de madeiras com rampa de um lado para subir a máchina e um plano mais suave do opposto: como ella não pésa mais de 600 libras bastam 8 homens ou 2 cavallos para a fazerem subir pela rampa acima a fim de a fazer despedir depois pelo plano inclinado.

Além d'isto parece-me que tambem se conseguirá o mesmo effeito em estrada plana estando o ingenho de vapor a trabalhar, o parallelogramo no angulo de 30 gráus, a cauda levantada convenientemente e fazendo-a puxar a galope por dois cavallos; a corda da prisão larga-se a tempo conveniente de uma tenaz de preza como aquellas que elevam os macacos de bater estacas, ou por qualquer outro meio mechânico. Outro defeito ainda mais consideravel é o de não estar previnido o caso de quebrar uma corrêa e de parar o ingenho; porque então a máchina cairá rapidamente, e não como diz o auctor do *Atlas* em seu n.º 882 de 8 d'este mez de abril, sómente com a descida de 22 pés por segundo; porque o pêso da cauda necessariamente faz virar o plano do parallelogramo a procurar na descida a linha de menor resistencia, e d'esta fórma tomará uma grande acceleração. Eu julgo que para obter a estabilidade aéria é necessario que a linha central da gravidade, tanto da navêta como de tudo quanto vae dentro d'ella, corresponda exactamente ao da pressão das duas superficies combinadas do grande parallelogramo, e da cauda ou rabo, e necessariamente esta disposição ha-de desviar a navêta ou caixa da carruagem do ponto central da superficie do parallelogramo que é no cruzamento das diagonaes. Se estiver assim, concedo que baixará com a velocidade de 22 pés por segundo; mas se não estiver (como a estampa indica) então penderá para a parte da cauda em cessando a acção das hélices, que fazem realmente o officio da linha que sustenta um papagaio de papel. Póde-se previnir este caso mettendo quatro páraquédas nos quatro póstes, que vão levantados sobre o parallelogramo; porque elles farão que a descida seja muito mais suave e que não incline para algum dos lados.

Os perigos do fogo evitam-se tornando todas as madeiras, tecidos e cordas incombustiveis (até certo ponto) por meio de uma conveniente e demorada immersão em agua saturada de sulfato de alumina, e tambem construindo o fogão por tal fórma que se possa fechar a sua porta, e tapar a tiragem da chaminé simplesmente com o desarmamento de um linguête. Quanto aos perigos de explosão, já hoje são muito raros depois que se tem conhecido as diversas causas d'elles. Não ha necessidade nenhuma de pôr diversos metaes em contacto, póde-se fazer o ingenho todo de cobre ou todo de ferro, e d'esta maneira já se não desinvolve a acção galvânica; haja cuidado com o nivel da agua na caldeira, e não haverá a dessaturação do vapor; passem-se amiudadas revistas ás válvulas de segurança, aos tubos alimentares etc., e cessará todo o perigo. Nenhuma corrente de vento póde ser nociva a esta máchina nem mesmo um furacão dos que arrancam as arvores; porque a violencia da sua corrente faz grande impressão sobre a terra e sobre o mar nos corpos estaveis, ou nos fluctuantes; mas não a póde fazer n'um corpo volante que toma a velocidade do mesmo vento, e marcha com elle tão serenamente como um barco que vae descendo com a maré. Os furacões são raros, e quasi sempre formam uma especie de lingoêta estreita por onde correm, a qual muitas vezes não tem meia legua de largura. Se um vento d'estes encontrar a máchina, ella dá-lhe a pôpa e corre com elle; mas vae sempre inclinando o leme, e póde assim ir de viez até saír da sua arrebatada corrente, e fica livre para depois seguir a sua róta.

Quando os ventos correrem na mesma direcção da máchina levam-n'a comsigo, e ella tomará uma grande velocidade; se vierem pela prôa bordêja como um navio e assim vae vencendo a corrente adiantando tanto quanto fôr a differença das velocidades, e quando a do vento fôr ametade da que ella leva, póde marchar em frente e vencel-a. Se vierem de lado bordêja para não perder a róta: um dos bordos será sempre desfavoravel e outro auxiliador do vôo, de maneira que se compensam obrigando sómente a fazer mais extenso o mesmo vôo, do que seria preciso para chegar de uma a outra estação.

Sublime invenção é esta: já os homens não podem perder a sua nova conquista ainda mesmo que Mr. *Henson* esmorecêsse na sua empreza; outros a seguiriam: e bem depressa veremos os ingenheiros de diversas nações a trabalhar á porfia para aperfeiçoarem as carruagens aérias: os meios de viajar voando serão facillimos e commodos, os perigos muito menores do que os do mar, e as viagens as mais recreativas que se podem imaginar.

Graças e louvores sejam dados por todo o genero humano a Mr. *Henson*: por minha parte tributo-lhe o meu respeito e a maior consideração.

Visconde de Villarinho de S. Romão.

Lisboa 18 de abril de 1843.

SABÃO HYDRÓFUGO.

1577 Escrevemos em o nosso artigo 1002 grandes

excellencias do sabão, chamado *Menotti*, que preservava as fazendas de linho de se empaparem de agua, e como tal não só na marinha mas em outros muitos modos de vida podia aproveitar muito, custando aliás muito pouco. — No *Constitutionnel* de París tornamos a achar a 13 de março ultimo o *sabão hydrófugo Menotti*, com elogios novos, e ponderosamente auctorisados.

Serve para tornar os feltros e quaesquer tecidos impenetraveis á chuva e humidade, sem lhes adulterar côr, lustro, morbidez, nem macieza; sem os privar de ficarem dando passagem ao ar e á transpiração, como faz, com grande detrimento da saude, a gomma elastica, e sem lhes dar cheiro de qualidade alguma.

Oiçamos parte do relatorio, que a seu respeito fizeram á academia das sciencias de París, Robiquet e Dumas.

«Mandou o Sr. Menotti que aspergissem com uma dissolução quente do seu sabão uns retalhos de paninho, e até desenhou n'elles com este mesmo liquido algumas lettras. Logo que os retalhos secaram, não houve enxergar-se-lhes indicio de tal; mas assim que se mettiam em agua, a ferver que fosse, onde o sabão havia chegado, distinguia-se perfeitamente, e viam-se apparecer os salpicos e mais as lettras, que era só em todo o campo do tecido o que estava secco; e então sim, que havia uma differença de côr entre essas partes, e as restantes. . . . . »

«Temos para nós, — accrescentam os relatores — e assim deve parecer a todos, que logo que o tempo houver confirmado com a sua sancção as esperanças, que já se podem conceber ácerca do invento do Sr. Menotti, ninguem será mais digno, do que elle, de participar do bello dote, legado por Monthyon, aos que logram a ventura de esquivar os seus similhantes a alguma das miserias humanas.» — A academia das sciencias de París approvou o sabão hydrófugo Menotti.

«*Extracto do relatorio feito á academia das sciencias de Tolosa, de França.* — Nós, os deputados para este exame, reconhecemos que os pannos imbuidos em tal sabão ficam ainda permeaveis aos fluidos elasticos. Um pedaço de panno de linho tapado, de que nos tinhamos servido para as experiencias, e que por nenhum modo podéramos conseguir que a agua o traspassasse, posto na bocca de um vaso cheio de agua a ferver, passados alguns segundos, deu fuga ao vapor atravez do seu tecido. . . . . »

«O Maire de Tolosa — attesta — que os vestidos de serviço dos sapadores bombeiros, impermeabilisados segundo o methodo de Menotti, desempenharam o que d'elles se esperava.

«O mesmo Maire certifica ávista das ultimas experiencias que se fizeram, que as peças de panno de lã, preparadas para capotes dos guardas nocturnos, e as de linho para se lhes fazerem os forros, corresponderam em cheio ao que se dizia.

Em París, rua de J. J. Rousseau, botica, numero 21 se vende este sabão, approvado pelas academias reaes de sciencias de París, e de Tolosa; pela sociedade real de agricultura da mesma cidade; e por uma juncta especial, nomeada pelo ministro da marinha, em Toulon. — Adoptado pela administração municipal de Tolosa, e pelos melhores fabricantes de pannos de lã e mais tecidos; e recommendado, repetidas vezes, pelos melhores periodicos.

Junctamente com o sabão vem uma explicação muito miuda do modo como se usa d'elle.

Insistiremos com o governo e os particulares, — que olhem sisudamente para um assumpto, em que tanto vae á economia e á saude. Nenhuma duvida ha, quanto a nós, em que o exclusivo da saboaria se não deve considerar contrario a esta importação. O sabão hydrófugo nada tem que ver com os sabões grossos ou finos do uso geral, aos quaes se concedeu esse privilegio: — reputal-o contrabando seria um sofisma, fundado n'um méro equívoco de nome.

Os commandantes dos navios, já em consciencia ficam obrigados a requerer, se lhes facilite uma novidade, que melhora ao serviço, poupa a fazenda, e esquiva a molestias officiaes e marinheiros; — o mesmo dizemos dos commandantes de terra a respeito dos seus soldados etc. — O que pelo menos é indubitavel é, que as experiencias se devem cá fazer tambem; mandando ao mesmo tempo o governo examinar em París pelo seu encarregado, o que ha ou possa haver n'este particular.

CHOCOLATE FÉRREO.

1578 Nas folhas parisienses achamos altamente pregoado o chocolate férreo (chocolat ferrugineux), agradavel invento medicinal de *Colmet*: — approvado pela faculdade de medicina de París, auctorisado pelo governo, e recommendado por varios medicos, para a cura da Chlorose, dôres de estómago, supressão de mênstruo, desfallecencias, e molestias das creanças; vende-se em París, rua de S. Merry n.º 12: com cada pacote d'este chocolate ou caixa de pastilhas d'elle se dá gratis ao comprador uma noticia impressa do modo de o tomar e de suas propriedades e virtudes. — Custa cada caixa de bolos de chocolate férreo 3 francos.

POÇOS ARTESIANOS.

1579 O de Grenelle em *París*, de que por vezes havemos fallado, e que tão afamado saíu pelo triumpho, que ahi ganhou a perseverança contra os epigrammantes e escarneadores (vede o nosso artigo 494), o poço de Grenelle, segundo as medições exactas, que ultimamente se lhe fizeram, dá quotidianamente 200 millímetros de agua; ora vendendo-se a agua aos moradores de París, que desejam trazel-a encanada para suas casas, a razão de 1:240$ réis por cada 25 millímetros, segue-se, que este poço póde render annualmente perto de 114 contos de réis; — por outra — quasi o dôbro do em que importou.

Não accrescentaremos coisa alguma a este facto: — os espiritos mais apoucados são cápazes de prégar por si todo o copioso sermão, que se encerra n'este thêma.

COMETA APPARECIDO EM 1843.

1580 Muito se fallou do Cometa, que sobre o horisonte de Lisboa appareceu no mez proximo passado. Lêmos alguns artigos publicados em diversos jornaes da capital, contendo tudo quanto em geral se podia dizer sobre o assumpto; por consequencia nada mais resta senão dizer o que individualmente se póde alcançar a respeito d'este corpo celeste: julgamos pois do nosso dever publicar, o que se fez.

Logo que soubemos da apparição d'este astro, dirigimo-nos ao Observatorio da marinha, annexo á Eschóla Polytechnica, e com os mais empregados d'este estabelecimento tractámos de fazer todas as observa-

ções, que a sciencia exige; porém infelizmente reconhecemos, que o instrumento, empregado nas observações do Cometa de Halley em 1835, que muito bem concordaram com as observações d'este mesmo Cometa, feitas no observatorio de Greenwich, não tinha a força sufficiente para observar o actual Cometa. É verdade, que a eschóla possue hoje instrumento de maior força, com que poderiamos alcançar, o que desejavamos; mas, (é vergonha confessal-o) não era possivel collocar-se n'essa mesquinha agua-furtada, a que se dá o nome de Observatorio, que um dia havemos possuir, modesto em apparencia, mas bello para a sciencia.

Portanto, já que as circumstancias nos contrariaram, e não fizemos, o que desejavamos, digamos ao menos, o que vimos com exactidão e fidelidade.

A onze de março das 7 para as 8 horas da noite vimos para o lado do occidente uma faxa pouco luminosa, de côr esbranquiçada, do comprimento de 36 gráus proximamente, e em demasia estreita. Dirigimos-lhe um óculo achromático de *Dollond*, que se emprega nas observações dos eclipses dos satelites de Jupiter, e por causa do luar e dos muitos vapores do horisonte com alguma difficuldade se notou no extremo occidental d'esta faxa, elevado quasi 10 gráus sobre o horisonte, uma pequinissima porção mais condensada, rodeada de uma certa nebulosidade: não duvidámos chamar-lhe um Cometa, cujo extremo da cauda existia proximamente em Y d'Eridano, passando o resto d'ella pela constellação da Balêa, tomando uma posição parallela ao equador.

Continuou a vêr-se a cauda e o núcleo nos dias 12, 13, e 14; mas o máu tempo, que depois decorreu, só nos permittiu tornar a vêr o Cometa no dia 24 á noite entre as mesmas horas, acima referidas; n'este dia apresentou as mesmas apparencias quanto á cauda e núcleo, mas não relativamente á sua posição no firmamento, a qual tinha variado extraordinariamente; com effeito notámos, que o extremo da cauda terminava um pouco abaixo do K d'Orion, conservando-se proximamente parallela ao equador, ficando o núcleo nas proximidades de Y d'Eridano.

Continuou depois o máu tempo, e só no dia 2 de abril, em que já havia o luar do principio da nova lua, é que se pôde tornar a vêr o Cometa; porém com uma luz tão fraca, que não foi possivel vêr o núcleo apesar da força do óculo: o extremo da cauda terminava um pouco ao oriente de K d'Orion, passando por cima d'esta estrella e da de Rigel.

D'estes factos, expostos com toda a verdade, devemos concluir, que era um Cometa, e que o seu movimento geocentrico se manifestava decedidamente do occidente para o oriente, e um pouco para o norte.

Consta-nos, que algumas pessoas sinceramente se persuadiram, que a faxa luminosa, por todos vista, não era um Cometa, mas uma luz zodiacal, por isso que não lhe divisaram núcleo. Seja-nos permittido repetir resumidamente o que os astronomos dizem a respeito d'esta luz.

Observando o sol nota-se-lhe algumas vezes uma especie de aréola luminosa chamada Luz Zodiacal, por ficar encerrada no Zodiaco; a sua côr é esbranquiçada como a da Via Láctea, com a fórma d'uma lentilha muito achatada, elevando-se do horisonte no mesmo logar por onde o sol passou: este phenómeno occorre alguns instantes antes do nascimento, e depois do occaso do sol: a conjunctura mais favoravel para observar a Luz Zodiacal é a da proximidade do equinocio da primavera, principalmente depois do occaso do sol, o fuzo luminoso, que esta luz então apresenta, é quasi perpendicular ao horisonte, dirigindo-se para a constellação do Toiro.

Admittidas estas idéas, temos, que posto a occasião mais favoravel para a Luz Zodiacal seja março; ainda mesmo que a faxa observada tivesse exactamente uma luz como a da Via Láctea; suppondo tambem, que o seu grande comprimento, e notavel estreiteza mostrassem uma fórma parecida com a da Luz Zodiacal; dada, e não concedida, a circumstancia de não apresentar núcleo apparente; faltam-lhe comtudo as tres seguintes essenciaes condições, para com exactidão se lhe poder chamar n'esta épocha Luz Zodiacal — 1.ª ser vista pouco depois do occaso do sol — 2.ª começar no logar do horisonte, em que o sol se occultou — 3.ª elevar-se quasi perpendicularmente ao horisonte em direcção á constellação do Toiro.

Conseguintemente como a faxa luminosa, que observámos, nem apparecia logo depois do occaso do sol, nem tocava o horisonte, nem a sua direcção lhe era proximamente perpendicular, nem se dirigia para a constellação do Toiro, estamos convencidos, que não era Luz Zodiacal, mas um Cometa, cujo núcleo foi visto com um bom óculo achromático de Dollond pelos empregados do Observatorio, e alguns spectadores, que alli concorreram. Demais, ainda que o núcleo se não visse, não podia concluir-se unicamente por isso, que não era Cometa, porquanto sabido é, que alguns existem sem núcleo apparente.

Egualmente nos consta, que varias pessoas perguntam se este Cometa era novo, ou se já nos tinha visitado alguma vez. Sentimos realmente não poder satisfazer a esta pergunta: não se resolve a questão pela similhança das apparencias physicas, que qualquer Cometa possa ter com outro que já fosse observado; porquanto é um facto de observação, que as apparencias physicas, apresentadas por um mesmo Cometa em suas passagens pelo perihélio, são muito diversas: por isso é unicamente com o conhecimento dos elementos do seu movimento elliptico, que os astronomos podem satisfazer, ao que se pergunta; porém este conhecimento depende de certas observações, a que o actual Cometa se não prestou com facilidade, attentos os nossos meios de observação (*).

F. Folque.

Lisboa 12 de abril de 1843.

BREVE MEMORIA SOBRE A ARRECADAÇÃO DA FAZENDA PUBLICA.

(*Vem de pag.* 358.)

3.ª Parte.

Proposta do Ministerio ás Côrtes publicada no Diario do Governo n.º 33 de 8 de fevereiro ultimo, para a creação de juizos privativos de fazenda em Lisboa, Porto, e Coimbra.

1581 A creação de juizos privativos de fazenda em Lisboa, Porto, e Coimbra, parece-me que, *separada* do desin-

(*) Se pois a nossa ignorancia a respeito dos movimentos individuaes d'este Cometa ainda é completa? quaes eram então, perguntaremos nós, os fundamentos d'essas falsas e imprudentes asserções, que a ignorancia espalhou, e credulmente acceitou? Somos de opinião, que nasceram da ridicula mania de em tudo fallar, e nada estudar.

volvimento das disposições do n.º 4.º do art. 18 da carta de lei de 29 de octubro de 1840, no sentido das doctrinas da 2.ª, e da 4.ª parte d'esta Memoria, emvez de produsir melhoramento nas cobranças judiciaes do estado, *ha-de trazer maior confusão, atrasamento, e accummulação de execuções, do que actualmente existe*: — e reunida a esse desinvolvimento tenho-a por *uma medida* ao presente *desnecessaria*, porque o melhoramento da arrecadação ha-de em tal caso provir do referido desinvolvimento d'aquell'outras disposições, e não da existencia dos juizos privativos: — além d'isso, ainda quando assim não seja, e os dictos juizos privativos possam ser julgados indispensaveis para se melhorar a arrecadação da fazenda publica, para o *detalhe da medida* conviria talvez ter em vista diversas considerações, que julgo dever expôr. — Eis-aqui tres pontos que eu passo a desinvolver, senão tanto como a materia o comportava, pelo menos quanto me parecer necessario para convencer a sua exactidão.

1.º Ponto.

Duas são incontestavelmente as principaes causas geraes de não ter sido efficaz o moderno systema de arrecadação judicial da fazenda publica: a primeira é a imperfeição da arrecadação administrativa, que temos tido, emquanto tem dado causa a serem commettidas á repartição judicial muitas cobranças, que por um melhor methodo de arrecadação administrativa se concluiriam sem a cooperação da justiça; a segunda é a extraordinaria desproporção que d'aqui mesmo tem nascido (sobre tudo em algumas comarcas) entre o numero das execuções da fazenda, e as forças dos empregados de justiça encarregados de as promover e ultimar. A estas causas fundamentaes devem ajuntar-se outras, que apesar de simplesmente accessorias não teem concorrido pouco para os desfavoraveis resultados da moderna arrecadação judicial da fazenda; taes como — a falta de toda a ligação precisa entre os methodos administrativos, e judiciaes; as imperfeições do processo judicial das causas fiscaes, todo dependente de um sem numero de notificações desnecessarias que não exigia a antiga legislação, subjeito a uma multidão de nullidades, de rodeios, e de formulas innuteis, e entregue a juizes eleitos, sub-delegados, e juizes ordinarios, gente de que nada se deve esperar que seja bom; — a falta de um systema simples, e exequivel de fiscalisação do andamento successivo d'essas execuções, por que tem sido absolutamente inexequiveis por complicadissimos, e faceis de illudir, os que se tem experimentado; e a nenhuma jurisdicção, e meios de coacção no ministerio publico sobre os empregados subalternos de justiça, sendo aliás o ministerio publico, o empregado do governo para as coisas judiciaes, e portanto quem deveria, mas não tem podido dar impulso aos litigios do estado.

Comtudo as causas que mais urge remover são as duas que acima proclamei como fundamentaes; e para provar que são exactas, e que não érro no juizo que faço dos seus effeitos, bastar-me-ha, creio eu, dizer duas coisas que de necessidade hão-de persuadir, e fazer impressão; a primeira é, que só a circumstancia de não haver épochas fixas annuaes para os lançamentos e cobranças das contribuições de repartição, dá occasião a que sejam relaxadas ao contencioso milhares de conhecimentos, que de outro modo seriam pagos pelos contribuintes logo á bocca dos cofres publicos, e sem as custas judiciaes que fazem dobrar umas poucas de vezes muitas d'essas contribuições, e levantar clamores contra os tributos, e contra os agentes da fazenda; e a segunda é, que as *septenta mil causas de fazenda*, que segundo uma consulta do tribunal do Thesoiro publico, estampada recentemente no Diario do Governo, pendem nas varas de Lisboa, não é possivel que sejam promovidas sómente por seis delegados do procurador régio, que ainda que nada mais tivessem que fazer, não teriam tempo sómente de as lêr todas em um anno. Podendo estender-me muito n'este objecto, contento-me com as duas razões que acabo de expôr, porque me parece que fazem desnecessarias quaesquer outras, para se conhecer quaes são as verdadeiras causas fundamentaes da má arrecadação judicial moderna.

Ora sendo certo que existe em varias comarcas uma desproporção espantosa entre o numero das cobranças judiciaes da fazenda, e a força dos empregados que as devem promover; parece-me ser muito claro que os verdadeiros remedios d'este inconveniente, não podem ser senão tres — *ou diminuir o numero das execuções* — *ou augmentar o numero dos taes empregados* — *ou emfim fazer ambas estas coisas* — comtudo a *creação de juizos privativos de fazenda* em Lisboa, Porto, e Coimbra, *per si só*, e desacompanhada de outras providencias, *não satisfaz a nenhuma d'aquellas precisões*, como é facil de vêr.

N'este logar convém ter muito presente o que está escripto e desinvolvido, e postoque insufficientemente, na primeira parte d'esta Memoria ácerca dos antigos juizos privativos da fazenda, que eram verdadeiramente as contadorias de fazenda d'aquelle tempo, ou as repartições de fazenda dos governos civís d'então, porque os seus fins eram puramente administrativos; assim como convém não esquecer, que antigamente para os impostos de lançamento e repartição havia tantos juizos privativos, quantas eram as superintendencias das decimas, e que além d'estas ainda havia mais, tantos juizos privativos quantas eram as especies de impostos de outra natureza; em tanto que todos os juizes eram juizes de todas as especies de cobranças da fazenda, apesar da existencia d'aquelles tantos e tão diversos juizos privativos, cujo fim porém era a escripturação e contabilidade das varias contribuições publicas, e da sua arrecadação. Olhando-se pois para isto, é inquestionavel, que os *juizos privativos de fazenda, que actualmente se pertende crear, são coisa absolutamente differente dos juizos privativos de fazenda, que havia no antigo sistema, e que os de hoje não podem ter outro algum fim além da divisão de trabalho que deve resultar de se crear uma justiça especial para as cobranças fiscaes, a qual não seja distraida d'este objecto por qualquer outro;* seguindo-se portanto d'aqui que esses juizos privativos, para os quaes depois de creados devem em Lisboa passar as *septenta mil causas pendentes* (segundo os computos do Thesoiro publico) e no Porto e Coimbra as que houver, e bem assim todas as mais, que forem sobrevindo, e que até agora eram relaxadas ás justiças do geral, *de nenhum modo*, e por nenhuma razão, *vem diminuir o numero desproporcional que já existe, e que deve continuar a nascer de pleitos* da fazenda (a menos que outras *medidas* sobre a cobrança administrativa o não diminuam), e que por conseguinte a *creação de juizos privativos* da fazenda ainda que fosse uma *medida* extensiva a todas as comarcas do reino *não curava uma das raizes do mal*, que não é outra senão — a quantidade desproporcional que ha de causas da fazenda.

Tambem não se póde conceder que estes juizos privativos venham a produzir uma diminuição d'essas causas de fazenda, pelo lado de as fazerem *correr com maior celeridade;* por isso que tem de observar o *mesmo sistema de processo* que ao presente rege para estes pleitos, o qual por agora não se tracta de alterar: e ainda menos se poderá admittir que aquella celeridade, e a consequente diminuição d'essas causas, ha-de provir de que os empregados dos taes juizos privativos não teem objectos de outra natureza que os possam distraír d'aquelle, por quanto é mui facil o convencer, que *ou esses juizos hão-de constar de um pessoal muito maior do que o projectado, ou aliás hão-de fazer que as causas da fazenda se atrazem ainda mais do que até agora;* o que se a *medida* fôr decretada, brevemente se verá depois de passado *o primeiro barulho que ha-de provir da passagem dos feitos dos actuaes, para os novos cartorios*, passagem que deve logo causar uma consideravel *interrupção* nas cobranças judiciaes da fazenda, e prejudical-as tambem pelo lado de passarem os feitos para empregados que as não crearam, e que por tanto *ignoram a historia de cada um, a residencia, e circumstancias dos devedores da fazenda, etc., etc.*

Com effeito até agora em Lisboa havia *seis juizes* de direito *com vinte e quatro escrivães* para o julgamento dos pleitos da fazenda, os quaes juizes todavia tambem decidiam as questões entre os particulares: pelos projectados juizos privativos porém ha-de haver em Lisboa *dois juizes com seis escrivães* sómente para o julgamento das causas da fazenda: ora nos tres annos judiciaes ultimamente decorridos de 1839 para 1840 — de 1840 para 1841 — e de 1841 para 1842 — distribuiram-se em Lisboa 7:104 *causas* de todas as classes entre particulares, e 24:789 *partidas* dos documentos da fazenda publica, perfazendo to-

das estas distribuições o numero total de 31:893: e já d'aqui se vê que se seis juizes com vinte e quatro escrivães não poderam levar ao cabo em tres annos 31:893 distribuições, ainda menos poderiam dois juizes com seis escrivães concluir no mesmo espaço de tempo as 24:789 *distribuições* que houve da fazenda publica, e que por conseguinte os projectados juizes da fazenda emvez de trazerem augmento produzem uma muito real e muito conhecida diminuição dos empregados que hão-de cuidar da arrecadação judicial da fazenda, arrecadação que por isso mesmo *cada vez terá maior atrasamento.*

Nas quantidades acima especificadas não entram as innumeraveis execuções que foram commettidas aos juizes eleitos das freguezias da comarca de Lisboa; e é preciso vêr que só n'aquelle espaço se recebeu na procuradoria regia, para ajuizar, o melhor de 130:000 conhecimentos de decima da comarca de Lisboa, dos quaes um grande numero foi entregue aos dictos juizes; juizes que com os juizes ordinarios das provincias são uma verdadeira praga da arrecadação da fazenda, e conservada todavia nos projectados juizos privativos: *e deve ainda notar-se que a distribuição de conhecimentos em Lisboa já se faz por partidas, porque distribuil-os um por um era impossivel.*

Demonstrado porém como fica que a *intentada creação de juizos privativos de fazenda* em Lisboa, Porto, e Coimbra, *nem produz a diminuição das causas da fazenda, nem augmento, e antes diminue*, pelo menos em Lisboa, *o numero dos empregados que as hão-de promover;* parece-me não admittir disputa que aquelles intentados juizos privativos, *não sanam as verdadeiras origens da má arrecadação judicial presente:* e que *outros são os remedios* de que convem lançar mão quanto antes, entre os quaes é o principal o melhorar-se a arrecadação administrativa, concebendo-a de modo que todos os annos venha para a arrecadação judicial uma muito menor somma de dividas da fazenda relaxadas, do que até agora: e que as que vierem não sejam de cobrança impossivel, como na verdade são em grandissimo numero das relaxadas até agora ao menos em Lisboa; porque na verdade taes tem sido na maxima parte as collectas por decima de juro, e um immenso numero de collectas de decima industrial constantes de conhecimentos em que, ou não se declara o nome do devedor, ou se diz que já se não sabe aonde reside, collectas estas que todavia figuram entre as *septenta mil causas da fazenda* que o Thesoiro affirma pendentes nas seis varas de Lisboa, e nas quaes com tudo se os recebedores não podéram saber os nomes ou as residencias dos devedores, com nenhuma justiça se póde pertender que os sollicitadores, e delegados dos procuradores regios, as descubram, para se attribuir aos empregados judiciaaes de Lisboa, um desleixo nas cobranças da fazenda, que elles na verdade não teem. Finalmente *os males da moderna cobrança judicial, repetilo-hei, nascem principalmente do grande numero das causas da fazenda: é preciso diminuir este numero, ou augmentar os agentes da arrecadação judicial*, e os projectados juizos privativos não remedeiam a qualquer d'estas duas necessidades.

Quando porém as disposições do n.º 4.º do art. 18 da carta de lei de 29 de octubro de 1840 venham a ser desinvolvidas pelo governo segundo os principios e doctrinas da 2.ª e 4.ª Parte d'esta Memoria, a mui grande diminuição de cobranças contenciosas, que por força d'ahi ha-de provir, é um melhoramento da arrecadação da fazenda *tão independente* da existencia, ou não existencia de juizos privativos, que bem se vê que entre uma, e outra *medida* não ha a mais ligeira relação, ou nexo: do que creio que se segue mui naturalmente que a primeira das providencias que importa adoptar para se melhorar a arrecadação da fazenda publica, sería a de fazer que diminua o grande numero de cobranças de fazenda, que annualmente se relaxa ao contencioso, e que depois de conseguida esta diminuição, e só depois d'isso, é que se póde ver empregados judiciaes quantos são precisos em cada comarca para o numero de causas de fazenda, que não se podér evitar que existam, e se ha precisãode separar em alguma comarca este ramo judicial de quaesquer outros.

Eis-aqui pois em geral e com muita concisão as minhas idéas sobre a conveniencia, ou desconveniencia, de se crearem hoje juizos privativos da fazenda, e effeitos que se podem esperar d'essa creação só de per si, e sem ligação a outras *medidas* de fazenda; pois estou persuadido de que as verdadeiras e principaes bases (hoje que o poder judiical é independente do executivo) para em geral se melhorar a actual arrecadação da fazenda publica, são — *estabellecer um bom pessoal na magistratura administrativa*, — *entregar-lhe aquella arrecadação*, — *e não deixar que seja commettido ás justiças senão aquillo que não for possivel evitar que o seja.*

Entretanto como nunca dou por infalliveis as minhas opiniões, possivel é que eu labóre em grande êrro, apesar de alguma experiencia do fôro a respeito de causas de fazenda, de bastante reflexão n'esta tão grave materia, de qualquer penetração que eu possa ter, do zelo com que analyso as coisas do serviço publico, e da vontade que tenho de concorrer para que a arrecadação da fazenda publica seja melhorada, e se é verdade que a despeito de quanto tenho ponderado, a creação de juizos privativos de fazenda em Lisboa, Porto, e Coimbra, é uma providencia per si só sufficiente para se melhorar efficazmente a referida arrecadação, julgo do meu dever sobre o *detalhe* d'essa mesma providencia offerecer algumas ponderações.

J. M. de C. Netto Leite.

(Continuar-se-ha.)

REMEDIO PARA A PAPEIRA.

1582 Noventa e nove por cem costumam ter de abatimento os pomposos annuncios modernos, em se experimentando. Em París principalmente é que a sciencia dos charlatães se acha no seu zenith: —

Admirez ce specifique,
Unique,
Qui guérit les maux,
Passés, présents, futurs, nouveaux:
Il est stomachique,
Odontalgique.
Je le céde a tous:
¿Pour combien? Pour deux sous.
Il sert à cirer les bottes,
Et meme a blanchir la peau.
C'est un reméde admirable.
Ceci n'est point fabuleux,
Il rends les maris aimables
Et guérit les chiens galeux.
etc. etc. etc. etc.

— Entretanto como na enxurrada de taes annuncios alguns venham, que depois com o êxito se confirmam, não duvidaremos de ir alguma vez, ainda que parcamente pescando os que por seu objecto nos parecerem de mais tomo, afim de que os peritos os examinem, e, approvando-os elles, os interessados os adoptem.

Fique valendo este preambulo para todo sempre.

Em um jornal de París, de 13 do mez passado, lemos: — «que foram pela academia real de medicina approvados uns pós, chamados de *Sency*, como remedio contra escrófulas e papeira, os quaes, com a explicação do seu uso, se vendem em París na rua de J. J. Rousseau, botica n.º 21, a 6 francos a caixinha.

«Cinco annos inteiros — diz o annuncio — que empregára aquella academia em os examinar; e examinados os approvára pelo modo mais authentico e positivo. — «Todos os casos — dizem os relatores — em que se experimentaram estes pós confirmaram unanimemente a sua efficacia (primor de que poucos remedios se podem gabar) accrescendo que taes informações nos vieram todas de pessoas merecedoras do maior credito.» — Ao relatorio segue uma proposta para que se aconselhe ao ministro do reino, comprar ao auctor a sua receita.

«Os experimentadores declaram não haverem achado um unico exemplo, em que os pós de *Sency* falhas-

sem nos engurgitamentos da glândula tirhóide, vulgo papeira. O ióde, em competencia com estes pós, fica a perder de vista: muitos enfermos, em que elle não fizera nada, curaram-n'os elles; e demais não teem elles os descontos que elle tem. O ióde tomado por continuação deféca, attenúa as glândulas mamárias, faz desapparecer os peitos: — os pós nada d'isso fazem.»

«Attentas estas circumstancias os medicos os recommendam para as escrófulas ou humores frios, tumores brancos, chagas, úlceras etc.»

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

EGAS MONIZ.

21 *de Abril de* 1142.

1583 Com o só nome d'Egas Moniz nos parece teriamos hoje cumprida nossa obrigação commemorativa. Quem ignora que

Este leal vassallo conhecendo,
Que seu senhor não tinha resistencia,
Se vae ao castelhano, promettendo
Que elle faria dar-lhe obediencia?

quem ignora que

Determina de dar a doce vida
A trôco da palavra mal cumprida?
E com seus filhos, e mulher se parte
A levantar com elles a fiança,
Descalços, e despidos, de tal arte,
Que mais move a piedade, que a vingança?
Mas o rei vendo a estranha lealdade
Mais póde emfim, que a ira, a piedade.

Não é pois necessario commemorar miudamente o feito que mais assignalou o ayo do primeiro Affonso. — ¿Foi covardia? ¿foi virtude? ¿foi falsa fé? — *Leal vassallo* lhe chama o grande poeta, justo avaliador do esforço, do vicio, e da virtude.

Por *leal vassallo* passou sempre, e passará aos seculos futuros o famoso Egas Moniz.

J. H. da Cunha Rivara.

SURREXIT!

(Improviso.)

Alleluia! Alleluia! Alleluia!

I.

1584 Reinam trevas: da meia noite as horas
Gemebundas no bronze sussurraram.
Deserto o templo está. Sancto silencio
É este, que domina temoroso
Na casa do Senhor. Pallida e triste
A baça luz da lampada soturna,
No denso ambiente agonisando anciada
Em subitos clarões intermittentes
Quasi finge suspiro derradeiro
D'homem que vai morrer. Ao brilho rapido
Phantasticas, enormes se alevantam
As columnas do templo — o brilho morre
E os gigantes de marmore na sombra —
Na sombra e no mistério novamente
As cabeças symbolicas engolpham.
Na funda solidão sómente eu véllo:
Dorme tudo em redôr. A paz solemne
Que me cerca e me involve é paz do tumulo.
Tumulo!... Acaso um tumulo não vejo
Lá no extremo da nave tenebrosa?...
Não a vejo eu tambem crescer-me ao longe
E alongar-se e alongar-se?... é certo.... Ao fundo
Os muros emblematicos do templo
Deixam patente, como um véu rasgados,
Em deserta campina calva e triste
De informes, cadavericos penedos
Toda orlada em redor, o vulto grave
D'um tumulo singello. — Eil-o, que o vejo
Vejo-o d'aqui.... Á lisa cabeceira
Pendida a fronte, o rosto annuveado
Com ar de quem magoado se lamenta
Um anjo d'asas candidas se assenta.

II.

Quem jaz alli?... Eis subito refalge
De viva luz, de immensa claridade
O rosto ao cherubim — celestes córos
Suspensos os sentidos arrebatam
O coração. — Os angulos do tumulo
Raios lançam, que cegam deslumbrando —
A pedra sepulchral partida estalla
Lume vivo golphando.... É elle.... o Eterno
O Homem Deus, o Martyr da montanha,
O Filho de Judá, o Desejado,
O Cumpridor das altas prophecias,
O Rei dos reis, a Magestade summa,
O Pae, o Redemptor, o Mestre — Christo!
Faces no chão mundanos. — Já, por terra
Homens vaidosos. — Universo exulta,
Humilha-te ao teu Deus. — Eil-o que surge
Em toda a pompa, em toda a magestade
Da sua eterna gloria. — Ó natureza,
Entôa-lhe os teus hymnos mais festivos.
Murmurae-lhe, ó ribeiros da planicie,
O canto triumphal — aves, trinae-o —
Sussurrae-o, florestas. — Vós, sonoras
Aguas do mar — vós, cédros da montanha —
Vós, ó gárrulos échos — vós, profundas
Torrentes trepidantes — vós, ó selvas
E vós tambem, desertos suspirosos —
Vós todos, que na mistica harmonia
Dos mundos e dos entes alcançastes
Uma nota cantar, cantae-a alegres
Ao meu e vosso Deus. — Completo seja
O gram concerto. — Allumeae-o, estrellas.
Astros do céu, bordae-lhe o seu caminho. —
Curvae-vos, gerações, e respeitosas
Sumi no pó as frontes orgulhosas!

III.

A promessa do Eterno foi cumprida,
E ponto a ponto, á risca, as escripturas!
Lá do cimo do Gólgotha tremendo
A palavra «perdão» caíu no mundo —
Mundo e homens por ella resgatados
Já tem aberto, livre, amplo e patente
O caminho do céu pela esperança!
A cruz da infamia é signa de triumphos!
A cruz venceu!... — Ó nobre lenho, salve,

Salve, lenho da cruz — pendão sagrado,
Hasteado no cume da montanha
Salve, tres vezes salve! — Medianeiro
Entre os homens e o céu, eis-te explicando
Os mysterios da vida e os do sepulchro
Aos seculos e ao mundo — eis-te assellando
Solemne, triumphal, eterno, o pacto,
O grão pacto de paz. — Salve mil vezes
Sancto lenho da cruz! prostrado e humilde
N'estes do templo marmores antigos
As mãos a vós levanto, e ao céu meus olhos:
O calix que o meu Deus tragou submisso,
O calix doloroso da amargura
Foi ao mundo remedio e foi ventura!

IV.

Ressuscitou o Eterno! A gloria sua
Enche os mares e o céu, innunda a terra,
Cobre todo o universo e ao proprio abysmo
Um raio manda a consolar piedoso
Quantos podem ser inda consolados.
O Eterno resurgiu! — para acolhel-o
Abrem-se os céus, como Elle abriu seus braços
Nos tratos do calvario á humanidade....
E o tumulo onde está?... onde a campina,
Horto gentil tornado escuro e raso,
Onde os broncos penedos que a circulam,
E o cherubim formoso? — Onde se escondem?
No mundo das visões estão perdidos,
Ou foi isto illusão dos meus sentidos?

V.

Deserto o templo está, solemne e augusto:
Tudo é sombra em redor — sómente eu vélo
Eu só e mais ninguem — som de meus passos
Accorda nas abobadas profundas
Os écchos dormitantes. — Apagou-se
A luz do sanctuario — pelos ares
Os do templo domesticos espiritos
Vagueam sussurrando brandamente;
Na casa do Senhor familiares
Uns com outros conversam. — Nos ouvidos
Confusos sons de externo movimento
Pouco a pouco me tocam. — Rescendentes
Estes ramos, que o marmore atapetam,
De fragrante alecrim, de rosmaninho,
Novos perfumes exhalar parecem
Pelo sancto recinto. — Vae surgindo
Segundo creio, o dia lá no mundo.
Os pendentes ornatos luctuosos
A frôxa luz embaçam.... Não — no cimo
Áquella fresta gothica, perdida
Entre os misticos symbolos de pedra,
Tímido assoma um raio, curioso
Debruça-se depois, e cresce e alonga-se
E vae, lucida fita abrindo as sombras,
Bater na cruz do altar.... Oh! não foi sonho,
O cherubim, o túmulo, a campina....
Não, não foi illusão — aquelle raio
Doirando a cruz m'o diz, diz-m'o esta nave,
Estes véus dolorosos, tristes restos
D'uma triste fatal solemnidade,
E esta pompa que ao templo se prepara
Precursora de festa e d'alegrias,
Tudo, tudo m'o diz. — Misterio sancto
Da minha redempção, eu vos saúdo:
Áve, Pae, Christo rei, divino Mestre
Que, de pé sobre o *novo monumento*,
O lençol de Joseph de Arimathea
Em púrpura tornastes. — Áve, Christo,
Eterno vencedor, sancto dos sanctos,
Que secastes do mundo os longos prantos!

VI.

Do templo em breve as sombras tenebrosas
Vão todas ser desfeitas. — O véu negro
E os crépes que o revestem vão sumir-se.
Gallas trajando e palmas e brocados
Aberto ao sol, e aos homens dentro em pouco
As rijas, bronzeas portas descerrando
Franquear-se ha-de ás turbas. — Virão ellas?
Sim, que hão-de vir — eguaes talvez na pratica,
E talvez deseguaes no pensamento.—
A pompa triumphal succede ao lucto
E a filha de Sião, a branca virgem
Da cidade sagrada, troca em risos,
Em cantos festivaes as lachrimosas
Doloridas canções. — Assim triumpha
De seculos, de loucos, e de incredulos —
E de ingratos tambem — a nobre crença
A fé pura da cruz! — Assim aos tempos
De atroz perseguição e de desterro,
De dôr chorada em trevas, de mil penas,
De funda magoa e tratos e tormentos
Succedeu bonançosa a quadra amena
Da victoria, da paz e dos seus fructos.
O protesto dos justos é qual era,
O Evangelho venceu, a Cruz impéra.

VII.

E o cherubim, que o túmulo guardava,
Permaneceu no mundo á voz do Eterno
Para o vellar sem fim — que n'esse túmulo,
Porta augusta dos céus ficou patente
De Christo, Martyr-Deus, a extrema herança,
O thesoiro dos homens — a esperança!

Mendes Leal Junior.

Rogos, que para nós são preceitos, nos constrangem a não suprimir do notavel trêcho, que se vae lêr, algumas expressões, que se nos dirigem, e que por menos exactas prejudicariam ao credito do todo, a ter sido a méra delicadeza quem n'as inspirasse, e não a amisade: — a amisade profunda e retribuida, não traz menos venda nos olhos que o amor. — Um só louvor nos toca, esse queremol-o e pedimol-o: — foram instancias nossas as que resolveram o auctor dos *Dois Renegados*, da *Mascara Negra*, da *D. Auzenda*, do *Pagem de Aljubarrota*, do *Viriato* e de tantos outros portentos litterarios a crear-nos tambem um modelo em genero tão util e agradavel, como é a novella popular.

—

SOBRE O ROMANCE.

(Carta preliminar).

1585 *Sr. Redactor da Revista Universal.* — Extremamente obrigado pela honrosa confiança e constante bondade, com que V. me tem animado, vou fazer por desempenhar-me de um voluntario encargo, que, se por um lado me ufana pela sua destinação, pelo outro me acovarda pelas difficuldades do assumpto. Satisfarei, porém gostosamente ao empenho, que de V. acceitei, que o nome d'esse Jornal e do seu Redactor serão os meus mais seguros protectores; — cum-

prirei a ordem recebida, que essa ordem é a minha mais valiosa desculpa — ¡ escreverei um Romance!

Este aspecto, importantissimo hoje, da arte moderna, esta sua fórma inseparavel da nova litteratura, tem sido, e com razão, julgada indispensavel n'um jornal, votado á doctrina e á illustração em todos os modos, para que ella possa ser applicada, disseminada, insinuada. Com este pensamento eminentemente moral, e eminentemente social reservou a Revista, em suas paginas, um logar, para este filho querido da arte e da civilisação, ou, para que melhor digamos, da arte civilisada.

Dois géneros porém, geralmente fallando, ha de Romance — Romance Historico, e Romance contemporâneo, ou de actualidade. O primeiro — creado em Portugal pelo Sr. A. Herculano, que pela vastidão dos seus conhecimentos, e pela admiravel profundeza do seu genio, summamente observador e philosopho, tem ganho uma celebridade e superioridade incontestaveis — o primeiro, dizia que ahi vae medrando robusta e vistosamente á sombra da grande fama e do ingenho ainda maior d'aquelle nosso respeitavel e respeitado amigo commum, appareceu já nas columnas da Revista rubricado pelo nome illustre do primeiro Romancista Portuguez. — A Batalha do Chrysus — foi n'este género a estrêa magnifica da Revista Universal.

Ao Sr. A. Herculano, com cuja benevolencia, protecção, e amisade me honro, seguiu-se outro nome digno de succeder-lhe, dignissimo das licções e doctrinas d'aquelle grande mestre de nós todos, mancebos d'esta era. Na primavera florejante de um explendido talento, o Sr. Rebello da Silva annunciou no seu Ráusso por Homizio a aurora d'uma carreira litteraria, egual pelo menos ao poente de muitos e affamados, já pelo viçoso e pictoresco do stylo, já pelo opulento da linguagem, já finalmente pelo intimo conhecimento da épocha e da verdade historica.

Apóz tamanhas gallas, tantas pompas e riquezas, cabe-me a mim expôr a pobreza do meu borel humilde — cabe-me contribuir tambem com uma oblata mais que limitada. Em tal desvantagem de posição meditei, Sr. Redactor, meditei longo tempo no que ora deveria escrever. Forçado a substituir — não digo bem — a seguir taes nomeadas, nem sequer tentei entrar n'uma lucta, para mim tão desegual, tão desfavoravel, tão acabrunhadora. — ¿ Que poderia eu utilmente semear nos campos que aquellas mãos tão fundo revolveram?

Desenganado por este lado, íntima e conscienciosamente convencido da inutilidade de qualquer tentativa só vi, Sr. Redactor, um atalho unico por onde podesse esquivar-me á insuperavel difficuldade, que me assoberbava. Virgem ainda, entre nós, o Romance contemporâneo offerecia-me uma taboa de salvação a que anciosamente me afferrei. É difficil abraçal-a, e saír com ella salvo na praia — bem o sei; — ha perigos; são muitas e amiudadas as correntes e contracorrentes, são numerosos os parcéis, que só ao bater n'elles se percebem, e valentes as ressacas em cujo rôlo, quando já se cuida abraçar a costa, se refoge perdido para o largo. — Mas do mal o menos. Não tinha mais por onde escolher: foi consequencia da necessidade. A necessidade é a mãe dos grandes arrôjos.

No fundo d'este bulicio, d'esta agitação, d'este phrenesi, d'este enxame sonoro, trepidante, fervoroso, a que chamam cidade — no fundo d'este remoinhar ardente de interesses mesquinhos e grandes paixões, de fortunas ficticias e de miserias reaes, de êrros e de crimes, de apparatosas virtudes, e de sordidas abjecções — no fundo d'este turbilhão, inexplicavel em linguagem humana, ¡ quantos factos exemplares passam tacitos e obscuros, não vistos, nem ouvidos, nem sonhados! ¡ quantos sentimentos diversos e diversamente agitados ahi enredam, e desenredam longos e tenebrosos dramas! ¡ quantos interesses, tambem, quantos calculos e paixões ahi se enovelam obscuros! ¡ quantos corações ahi são comprimidos e esmagados! ¡ quantas agonias, quantas ancias ahi reluctam em muito peito generoso! ¡ quantas, finalmente, quantas dôres íntimas, indisiveis, profundas, dôres que se sentem, mas não se pintam, dôres, que mirram as flôres da mais vigorosa mocidade, que em dias, em horas sómente de soffrimento sulcam de rugas um rosto juvenil, e cobrem de cãs a mais formosa cabeça! — ¡ quantas dôres d'estas, silenciosas, e mortíferas ahi se passam com a solidão e com Deus! No âmago d'essa vida apparente, brilhante e deslumbradora das cidades, mixto estranho de puerilidade e caduquez, de força e de fraqueza — no íntimo d'essa vida infinitamente epigrammatica, escarneo constante de todas as realidades, quantas sevéras e tremendas licções esconde a mão de Deus.... da fatalidade, quasi ía eu dizendo agora.

¿ E não será tambem proficuo, não será digno da missão de escriptor ir, como a abelha laboriosa, atravez das tempestades colher o mel nos calices despresados d'aquellas florinhas humildes? ¿ Não será tambem servir a humanidade tentar correr a cortina que encobre tantos exemplos aproveitaveis, tantos documentos do soffrer humano — sondar até ao fundo o pégo illusorio da actualidade — desnudar o corpo e estudar na sua origem as causas do mal que o affecta?

O sudario do passado tem um pêso de seculos. Não posso erguel-o. O véu do presente é mais leve. Buscarei levantal-o.

E aqui seria occasião de ponderar, se porventura me fosse dado invocar o titulo nobillissimo de poeta, como a poesia n'esta situação gloriosamente exerceria o seu evangelico apostolado — a sua missão moralissima e christianissima de consolar as dôres humanas!

Na tentativa a que vou lançar-me a mim mesmo me illudiria se buscasse disfarçar algumas das suas muitas difficuldades. Não fallarei do rigoroso e inexhoravel da critica, em coisa que tão immediata e expontaneamente se offerece aos olhos de toda a gente. Não posso porém esquivar-me a memorar uma difficuldade que bem que á primeira vista pareça mínima, nem por isso a julgo menos importante e embaraçosa. Fallo dos tractamentos.

Usamos nós o tractamento (*) de terceira pessoa emvez do de segunda, do *vós* e *tu*, tão nobre e tão constantemente seguido por quasi todas, senão todas as demais

(*) Veja-se o que já a este respeito ponderámos no artigo 1462: não é este um assumpto, em que possam coisa alguma as leis e a auctoridade, mas tudo póde a moda. ¿ Porque não começariamos por moda o tractamento geral de vós? Um mez de esforço, continuado n'este sentido, principalmente nas assembléas mais numerosas consumaria este milagre felicissimo para a litteratura, e ainda feliz para muitas outras coisas.

Nota da Redacção.

nações. Já tivemos esse tambem. Quem nos trouxe este não o sei eu. Ou fosse porém uma degradação na lingua ou fosse a furia civilisadora, o certo é que com elle temos de luctar. E não se estranhe a palavra *luctar* de que uso, porque entallado entre a necessidade de acceitar as praticas contemporaneas, para ser verdadeiro; e a necessidade de conservar a dignidade a que tal pratica evidentemente se oppõe, para ser conveniente e nobre, as diligencias do que tentar satisfazer ambas estas imperativas necessidades tornam-se uma verdadeira e muito séria lucta.

E n'este caso me acho eu. Não presumo de lograr a victoria, mas protesto que me hei-de aventurar á pelêja, não sem me acovardar a consideração de quanto é preciso nobilitar os affectos, de quanto cumpre elevar e engrandecer a acção e os characteres, de quanto esforço e apuro se carece para alcançar, não já proxima, mas ainda remotamente o fim desejado!

Algumas vezes, Sr. Redactor, nas nossas breves e, para mim amenissimas, horas de placida conversação nos hemos entretido n'este assumpto; e n'essas praticas que V. sabe encher, como poucos, de philosophia, de licção e de poesia, tive eu a satisfação de observar que esta era tambem a sua gravissima opinião.

¿E o meu Romance? Direi d'elle ainda duas palavras. Não fui procurar-lhe a acção ás altas classes sociaes, porque a vida ahi mais é ficção do que realidade, porque para penetrar nos dramas intimos que ahi tenebrosamente se passam.... Sr. Redactor, de salas esplendidas e vicios doirados estão, segundo se me figura, saciadissimos os leitores. As descripções de bailes voluptuosos e enredos cortesãos estão safadas e gastas. D'aqui a pouco irão fazer companhia ás ressurreições dramaticas. Creio na virtude e creio que póde e ha-de existir em todas as classes. Mas os que Deus collocou em situação superior não peccam por ignorancia. Podem peccar por vontade. ¿Sobre peccados taes para que ha-de missionar o escriptor? O povo sim, é o povo que necessita de educação e ensino — a elle é que se devem as licções da observação, os exemplos e as doctrinas. Moveu-me isto a buscar um assumpto popular, humilde como quem ha-de tractal-o, honesto porém como convém á publica moral. Do Romance não direi mais agora. Do povo para quem o escrevo tinha que dizer muito se esta carta não fosse já tão longa e porventura impertinente.

Emfim, vou arremeçar aos mares o meu fragil barquinho. Que o não olhem superciliosamente os constructores d'essas náus alterosas que eu vejo ahi bojarem tão nobremente. Para arriscar a publicação d'esta especie de obrinhas obscuras, limitadas, feitas unicamente com o pensamento e o coração, o instante não é proprio talvez. Nem o interesse poderoso da politico de um seculo, nem a philosophia da historia, nem o immenso pensamento que reconstrue desde os alicerces até á cúpula toda uma épocha, toda uma sociedade e todo um povo — nenhuma d'essas idéas agigantadas, que assombram e deslumbram pela sua grandeza e esplendor, anima e vivifica trabalho tão raso e chão como o em que vou occupar-me. ¿E que é elle ao pé das grandes questões sociaes que hoje preocupam os espiritos e se combatem arca por arca como os luctadores no circo? ¿que é ou que val trabalho tão pobre comparado com o ruido d'essas brilhantes reedificações do passado, que obreiros admiraveis ahi vão esplendidamente completando?

Não val por si, póde porém valer pelo nome de V. que o protegerá — póde valer muito pelo preceito de obediencia a que satisfaço.

Tenho a honra de etc,

José da Silva Mendes Leal Junior.

A QUESTÃO DO THEATRO NOVO.

1584 A invejas e malevolencia attribue um jornal de Lisboa o que se tem escripto contra as obras do theatro novo. Pela nossa parte, nem somos invejosos nem o podéramos ser de architectos; nem queremos mal algum ao auctor d'este edificio — não o conhecemos — nunca tivemos com elle a minima relação, — e de mais nos consta ser pessoa, aliás estimavel, como já n'esta mesma folha declarámos. Esse jornal, annunciando agora a publicação do risco do theatro novo, obra do Sr. *Lodi*, lithographado pelo Sr. *Guglielmi*, e publicado pelo Sr. *Perini* — diz:

«Vão-se finalmente dissipando as prevenções, e infundadas duvidas dos que pareciam recear que o «theatro de D. Maria II, ou não chegasse a passar de «projecto, ou não sahisse obra para ver-se. O facto «tem acabado com as hypotheses: o *agrião* vae lançando viçosa folhagem: teremos theatro nacional, e digno «da magnifica praça onde é construido, e digno de «Lisboa.»

«Apesar de todas as invejas o sr. Fortunato Lodi «verá erguido um monumento que por si responda aos «seus detractores.»

Pedimos licença ao jornalista para lhe notar que — os pontos cardeaes da guerra, feita ao theatro novo, não foram, ao menos por nossa parte, esses. — Não receavamos que ficasse em méro projecto — nem que deixasse de saír muito para ver; postoque quanto ao primeiro d'estes dois pontos não sejam ainda resposta bastante tres folhas de papel e alguns palmos de parede: — e o segundo só mais tarde e depois de tudo findo se possa sentencear com segurança.

O que n'esta questão escandalisava e escandalisa a todo o portuguez de véras e a todo o homem de juizo, é: — 1.º, o inaudito menoscabo, que se fez dos nossos architectos, antepondo-lhes sem concurso um estrangeiro; — 2.º, a falta de segurança, com que se demonstrou se estava edificando.

Nem ao primeiro nem ao segundo se deu ainda resposta alguma.

Tres folhetos publicou o Ex.mo Sr. *Visconde de Villarinho de S. Romão*, assignados com o seu nome por extenso; graves e decentes nas fórmas, como tudo o que S. Ex.ª escreve ou falla, e cheios de argumentos e demonstrações, que os intendidos diziam *irrefutaveis*, e que se deixavam ao mesmo tempo abranger dos espiritos mais acanhados e incultos.

Do allegado e provado n'estes tres folhetos resultava — que a projectada obra reunia a muitos outros defeitos gravissimos, o gravissimo de todos, o eternamente irremissivel — a falta de segurança. — Esperavamos (e não eramos nós os unicos), confiadamente esperavamos, que — se as razões de S. Ex.ª eram boas, se mandasse sobreestar na obra, desfazel-a, e recomeçal-a emendada, — se más, se lhes respondesse, se não por S. Ex.ª ao menos pelo publico de quem, por quem, e para quem era a obra.

Sabemos que algumas pessoas teem por systema não acudir ao reclamo de objecções. — Tal systema aliás intelligivel, e talvez em alguns casos racional, tornava-se intoleravel na hypóthese; pois que nem os mestres edificadores, nem a juncta, que a seus trabalhos presidia, eram mais que simplices administradores de certos bens do povo, destinados para certo fim, com certas condições subintendidas e indispensaveis, uma das quaes era a solidez. — Dizer-se, a obra responderá por si — é um anachronismo em dialéctica, e é querer que se admitta gratuitamente a inerrancia em quem nenhuma prova jámais déra de merecedor a tão alto privilegio.

¡ A obra responderá por si! — ¡ muito bem! — ¡ Mas se a obra, apenas concluida mostrar — que foi mal concebida, mal digerida, mal executada! — ¡ A obra responderá por si! — ¡ mas se terminada ella, ou passados alguns annos ou muitos, (que para uma obra que deve ser para sempre tanto val *um* como *cincoenta*) a fraqueza e vicio dos alicerses a fizer desconjunctar, gemer e vir a baixo com o primeiro temporal ou com o primeiro abalo de terra, que tão frequentes são n'esta paragem! — ¿ Como é que a obra respondeu por si? ¿ e como é que então hão-de responder por ella os que affectaram um sublime desprêso contra argumentadores, e não deram outra solução aos agoiros raciocinados senão um sorriso do alto dos andaimos, e a perseverança, ou antes a pertinacia, e a obstinação? — Não temas — dizia Cesar ao barqueiro do Rubicón — levas Cesar comtigo — *Cæsarem veis.* — Foi uma caturrice de grande homem, e além de uma caturrice um crime, porque a barca e a vida do pobre pescador não pertenciam a Cesar: — mas ainda n'aquelle caso o salvar-se ou perder-se podia depender só da fortuna. — Aqui — não! — porque a fortuna não tem milagres contra a physica. — Um pêso superior ás forças da sua base, não ha fortuna que o defenda de se despenhar.

Repetimos o que muitas vezes temos dicto: — ou o architecto errou, ou errou nas censuras que lhe fez o Sr. Visconde.

Não ha meio termo possivel.

Se errou o architecto, clamamos contra quem permitte e consente erros em materias taes. Se errou o Sr. Visconde, próvem-n'o.

Emquanto as razões d'este permanecerem em pé no meio da praça, onde estão ha tantos mezes, como o athleta robusto a esperar em vão por seu adversario, ¿ que havemos de dizer nós, e que ha-de dizer o publico?

O mesmo jornalista suppracitado accrescenta ainda estas palavras: —

«Não temos entrado de proposito na polemica excitada a respeito da construcção do novo edificio, escolha do local, preferencia da planta etc. etc. Agora «porém deviamos quebrar silencio, que a alguem se «affiguraria estranho; e desde já nos obrigamos a occupar-nos deste assumpto opportunamente com o vagar e attenção devida.»

Mais conveniente houvéra sido que essas razões, com que o illustre redactor póde accudir ao theatro *agrião*, tivessem apparecido a tempo e se não deixassem enraizar as injustas prevenções contra tal obra: — mas emfim, *mais val tarde do que nunca.* Registamos a sua promessa: — DESDE JÁ SE OBRIGA A OCCUPAR-SE D'ESTE ASSUMPTO OPPORTUNAMENTE COM O VAGAR E ATTENÇÃO DEVIDA.

Não somos nós obstinados. — Demonstre-nos que a edificação vae segura; — desfaça um a um os argumentos em contrario; e não só não tornaremos a repetir os nossos queixumes, senão que faremos publica e solemne retractação como temos por uso logo que nos convencem da verdade. — D'aqui até lá, permitta-nos o redactor que prosigamos a zelar o Credito, os Bens e tambem as Vidas dos Portuguezes.

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

1587 Em HESPANHA abriram-se as côrtes no dia 3 do corrente. A maioria d'ellas, diz-se, que é opposição. O infante D. Francisco de Paula tambem foi para esse lado. O governo, que lhe não tem consentido visitar sua augusta sobrinha, pertende demais fazer-lhe annullar a eleição. Tem-se formado uma sociedade com o instituto de evitar os escandalos que nas egrejas se commettem — a musica profana é um dos assumptos contra que se empenham mui devéras.

Da INGLATERRA e de IRLANDA vae sendo consideravel a emigração para os Estados Unidos.

Em Londres festejou-se solemnemente a 26 de março a conclusão da famosa ponte submarinha, chamada *Tunnel*. Custou vinte annos e seis milhões e meio de cruzados, compreendendo as necessarias obras adjacentes. É o maior monumento de Inglaterra, e ninguem dirá que seja para a Inglaterra vergonhoso o haver-lhe elle sido edificado por um francez — porque é uma obra para utilidade e não unicamente para symbolisar a gloria nacional — que a ser assim fôra absurda, contradictoria e nulla quanto aos effeitos desejados.

A AUSTRIA tracta de estabelecer relações commerciaes com a China, que pelo tractado de Nankin, está em parte desencantada para a Europa.

A RUSSIA continúa a perseguir o catholicismo nos seus estados.

Na AMERICA CENTRAL houve uma nova insurreição e formou-se em Guatemala uma confederação de cinco estados.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

1588 *Diario do Governo de* 11 *de abril.* — Portaria ás alfandegas, ordenando que as folhas para facas, e ferros para garfos paguem interinamente 4$000 réis por arroba.

Idem de 15. — Decreto perdoando a varios criminosos, e commutando a pena de outros em memoria da Sacratissima Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesu Christo. — Ordem do exercito n.º 14.

Idem de 17. — Venda de bens nacionaes na Guarda, Beja, e Villa-Real no valor de 776$300 réis.

Idem de 18. — Venda de bens nacionaes em Santarem, Lisboa, e Braga na importancia de 4:791$400 réis.

AS FESTAS DA SEMANA SANCTA.

1589 As d'este anno em Lisboa cederam vantagem ás do precedente; concorrendo talvez para isso o progressivo cançasso das bolsas, e o máu tempo, que recomeçou na quinta-feira.

Não nos consta que houvesse escândalo de musicas profanas, nem tão pouco arruidos ou ferimentos, como quasi sempre acontecem nos apertões ás portas das egrejas.

RESTITUIÇÃO.

1590 Como o tempo ainda seja d'ellas, uma havemos de fazer aqui, tanto mais obrigativa quanto os que invo-

luntariamente espoliámos eram *Pobres*, e tão cortezes e bons que se não queixaram.

O nosso artigo 1555 intitulado *explosão de polvora;* haviamol-o achado no *Correio Portuguez*, sem marca de ter pertencido a outro dono. Como seu o tomámos pois que elle nunca declarou oppor-se a isso, e como seu o demos a nossos leitores. Apparecem-nos depois os *Pobres do Porto* e descobrimos que o artigo era d'elles, e que attribuindo-o ao *Correio* pelo mesmo *Correio* enganados, haviamos commettido contra a propriedade litteraria, cujos somos apostolos e defensores, uma violação, de que nem pela parvidade da materia nos absolvemos.

Aos que houverem esta confissão por demasiado escrupulo, diremos que todo o escrupulo é pouco, quando se tracta de bens alheios, e que ao excesso da furia ladrona, de que andam senhoreados muitos dos *Jornaes* portuguezes, é mister oppor o mais que se possa de exemplos quer grandes quer pequenos de probidade.

Aproveitamos o ensèjo para lhes avivar o que repetidas vezes lhes temos, sobre este assumpto, ponderado, admoestado e pedido, e de que não poucos d'elles todos os dias se esquecem com prejuiso seu pelo desar, e nosso pelo desfalque.

FELIZ ABÔRTO.

1591 O tractado de Portugal com Inglaterra, que ha tantos tempos andava na forja, tão acceso e tão martellado, abortou; e acham-se rotas as negociações entre os dois governos. As nossas fabricas podem pôr luminarias e deitar galas; a fortuna olhou para ellas com amor; — com tanto amor que uma e outra parcialidade liberal, aliás discordes em quasi todos os pontos, festejam unísonas este desfecho.

MONUMENTO.

1592 Consta-nos que um Digno Par tenciona propôr que a somma, que se apurar para um monumento ao LIBERTADOR, se empregue em fazer uma boa estrada, onde mais necessaria parecer erigindo-se n'ella de legua em legua um padrão, que diga *Estrada Monumental á memoria do* DUQUE DE BRAGANÇA. ¿Quem se opporá a tão nobre, a tão judicioso, a tão portuguez alvitre? Vel-o-hemos.

AS MÁSCARAS.

1593 Se as da *serração da velha* em S. Carlos foram semsabores, as de sabbado de alleluia ainda o foram muito mais. Ha no inferno do Dante um genero de condemnados, cujo principal supplicio consiste na privação absoluta da celebridade, a que em vida tinham aspirado. — Contenta-te de olhar para elles, não lhes falles e vem para diante, diz o conductor ao poeta,

. . . . . .*guarda e passa!*

— Seja essa a sorte d'este baile. Deixêmol-o, com seus frades e freiras permittidos pela policia, ficar em perpétuo esquecimento.

STABAT MATER.

1594 Escrevem-nos que se pertende dar como spectaculo no theatro de S. Carlos n'esta cidade o famoso *Stabat Mater* de Rossini: — e que S. Ex.ª o Sr. Patriarcha recusou a licença e permanece firme a despeito dos empenhos, com que a actual empreza o persegue. Por nossa parte não podemos affiançar a veracidade da segunda nem da primeira d'estas noticias; e quanto á incongruencia, e repugnancia entre um theatro e um *Stabat Mater*, incongruencia e repugnancia que religiosos e mundanos ainda que por diversos e oppostos motivos devem egualmente reconhecer, d'isso fallaremos quando com perfeito conhecimento de causa o podérmos fazer.

SACRILEGIO.

1595 Este crime rarissimos n'outros tempos repete-se hoje com deploravel frequencia. Era mais que um roubo nos tempos de fé; é um pouco menos que roubo, e um pouco mais que travessura em tempos de *philosophia*. Aos sacrilegios relatados em os nossos artigos 454, 512, 1095, e 1182, e a alguns outros, que de industria temos escurecido, accrescentaremos agora mais dois.

Da egreja de Vialonga, pelos fins de março, desappareceram um calix, diversos ornamentos de imagens, dois vasos do Sacrario, tudo de prata, e varias outras alfaias.

Em Villa do Conde entram ladrões em casa do Padre Soledade, emquanto este prégava no Porto uma das suas domingas quaresmaes, que tanto povo lhe attraíram e tanta fama lhe grangearam, e clamava talvez contra os violadores do septimo mandamento: levaram-lhe todo o dinheiro e uma corôa de N. S. do Carmo.

¡¿Não haverá concorrido para este género de moda, além da razão geral da penuria, a sem cerimonia, e quasi ostentação, com que por toda a parte as auctoridades andaram amontoando, carreando, epigrammando, e derretendo tudo quanto acharam nos edificios e egrejas das ordens religiosas?! ¡Mal sonham os politicos o que semêam quando semêam no povo!

AS DUAS FILHAS.

1596 A empreza nova do theatro dos Condes fez já a primeira e segunda representação de um drama original em tres actos, intitulado *As Duas Filhas*. — Não podémos assistir, não podemos por nós julgal-o; mas o publico applaudiu, os litteratos louvaram, e a obra, sendo de um mancebo provinciano, e ainda não conhecido por outra alguma producção, mereceu que algumas pessoas a attribuissem ao Sr. Garrett.

VISITA POETICA.

1597 O Sr. D. Ramon Campoamor, cuja vinda a esta capital haviamos annunciado, chegou ha dias, e acha-se residindo no Caes do Sodré, *Hotel de France*. É mancebo de 24 a 25 annos; de conversação facil e amena; instruido e desejoso de ainda mais se instruir. Demora-se ainda alguns dias.

Para outra vez fallaremos a seu respeito mais de espaço.

UMA ENTERRADINHA VIVA.

(Carta.)

1598 *Sr. Redactor:* — Das septe para as oito horas da noite de 28 do passado, ouviram os habitantes d'esta villa, o pregão do porteiro do Juizo de Direito. Como a hora não era das mais proprias para se andar a pregoar, todos applicaram o ouvido.

Andava pedindo noticia de uma menina de onze annos, que por mandado de sua mãe fôra buscar um pouco de bagaço de azeitona, das dez para as onze da manhã, e ainda não era tornada a casa, tendo-se encontrado na tulha a cêsta e o capotinho com que se cobria.

Passaram-se vinte e seis ou vinte e septe horas sem a creança apparecer, apezar das pesquisas que sua afflicta mãe (já viuva) e mais familia tinham feito. Finalmente, lembrou-se alguem de mandar cavar no bagaço, descobre-se logo parte do vestido, e a final a menina, que tinha morrido abafada debaixo de uma porção do bagaço, que desabou em cima d'ella, quando estava cavando com um sachinho para encher a cêsta.

É de notar, que sendo sepultada na mesma tarde, exhalava já um cheiro insupportavel, estando muito denegrida, e com um olho vasado.

Ha quem diga, que a mãe da victima fôra advertida a tempo, para que não mandasse a rapariga só, buscar o bagaço, porque tinham cavado de maneira, que podia desabar sobre ella; ao que tão pouca attenção déra, que depois fazendo todas as diligencias para encontral-a, só passadas mais de vinte e quatro horas lembrou a tulha. Se assim foi, terá esta consternada mãe de chorar dobradamente a desgraça de sua innocente filha.

Este desastre deve servir de exemplo e aviso aos que tão desacautelados são com as creanças, que diariamente estamos vendo ahi expostas a muitos riscos.

Moncorvo 30 de Março de 1843.

ACCIDENTE SOBRE ACCIDENTE.

1599 Bernardina de..... é uma pobre viuva, moça, e muito honesta, que por esmola, habitava com um filhinho de septe annos, um quarto por baixo da secretaria do quartel general da primeira divisão militar, no Beco do Carrasco. Em uma das noites do mez passado, seroava á luz da sua mesquinha candêa, que era d'esse trabalho das suas mãos, que ella grangeava o pão, quando de subito lhe dá um accidente (achaque a que é subjeita) — cáe sobre a luz, e incendeam-se-lhes os fatos. O filho que estava já na cama accorda, e começa a chorar e a gritar, sem se erguer, nem por outra fórma acudir á pobre mãe, que entre as lavaredas e as ancias do accidente estrebuxava. Acorre um visinho a bater-lhe á porta, chama pelo rapaz, a quem conhecia, e este chorando, mas em voz clara, responde por vezes: *estou nú, não posso lá ir.* — Ávista d'esta *impossibilidde*, arrombam e entram a tempo que ainda poderam salvar a infeliz mãe, que gravemente queimada no collo, e em todo o braço esquerdo, foi (era meia noite) conduzida para o hospital de S. José, onde se acha sem perigo de vida, mas sim com o de ficar aleijada.

ATREVIMENTO DE LADRÕES JÁ ÁS ABAS DE LISBOA.

1600 A uma hora da noite de 30 para 31 do passado março, no logar do *Penedo* proximo á villa de Collares, foi, pela terceira vez, assaltada por uma quadrilha de ladrões a casa da senhora D. Umbelina Cecilia d'Oliveira, que vive só com uma antiga criada e um criado: valeram-lhe um visinho honrado e destemido e um seu criado, os quaes de uma janella lhes fizeram um vivo fogo; os salteadores fugiram com tal precipitação, que deixaram no pateo septe ou oito instrumentos proprios para taes emprezas, como uma alavanca, gazúas, puas etc. Tambem se encontrou bastante sangue n'alguns sitios da estrada, pelo que parece ter havido ferimento n'algum d'elles. O digno administrador d'aquelle concelho tem dado boas e activas providencias: já prendeu um homem d'aquelle mesmo logar do Penedo, por suspeito; e prosegue nas diligencias.

Já mais os habitantes de Collares tiveram o menor receio de serem suas casas atacadas, agora desgraçadamente consideram as suas vidas e propriedades em muito risco. *Communicado.*

RARO EXEMPLO DE ESPIRITO CHRISTÃO.

1601 Domingo 17, pela volta das 9 horas da noite, a patrulha municipal da estação do Caes do Tojo, á Boa-Vista, ao entrar na rua da Silva, dá com um vulto humano a gemer em artigo de morte. Era um rapaz do tracto maritimo, cozido a facadas, com os intestinos de fóra.

Rogado e instado para declarar quem tinha sido o agressor — respondeu sempre — *que bem sabia que morria, e porisso não queria desgraçar ninguem.* Foi logo conduzido ao Hospital — ignoramos se já está na outra vida.

No dia seguinte pela manhã, n'um armazem proximo do sitio, as auctoridades de parochia prenderam um, que a voz publica denunciava, cumplice do attentado.

O RESURGIDO.

1602 A escuna *Vouga*, commandada pelo Sr. Centurini, tinha sido mandada cruzar nas aguas do Algarve até ao dia 20 do corrente abril. Havia largo tempo, que nem as costas d'aquella provincia haviam novas d'ella, nem constava, que navio algum a tivesse avistado. Davam-n'a geralmente por perdida, e em muitas familias reinava já a consternação.

A 18 veem-n'a entrar, sã e salva, a fóz do Tejo, e vir fundear defronte de Lisboa. Os temporaes, que a desviaram do seu destino, a trouxeram por largo tanto tempo. A alegria, que a apparição do Sr. Centurini deu aos seus amigos, só póde ser comparada com a satisfação que elle experimentaria lendo com os seus olhos corporaes em alguns periodicos d'esta cidade o seu proprio elogio fúnebre.

O THEATRO AGRIÃO.

(Carta.)

1603 Sr. Redactor, é certo e muito certo o que V. affirma de se ter vedado a entrada para o theatro *agrião*, é tal o escrupulo *inquisitorial* a este respeito que — os mesmos trabalhadores andam munidos de senhas para poderem entrar e saír, e na guarita da sentinella estão duas pregadas, de diversas côres, para que a mesma sentinella possa a todo instante confrontar as dictas senhas dos trabalhadores com os dois exemplares: ¿que misterio será este? Ha quem diga, que os homens teem razão; porque em tempos constitucionaes as linguas são muito espivitadas, e não se podem aturar as reflexões que alli se fazem, regulando-se todos pelos seus olhos sem quererem acreditar o que se imprimiu no Diario do Governo: é bem feito, devem ter fé já que não podem ter esperança de vêr um theatro proprio da capital do reino. Mas eu senti muito que se promulgasse este decreto da *commissão*

inspectora; porque d'esta fórma os nossos architectos portuguezes não podem ir alli tomar licções de architectura theatral. Quando n'este reino se ha-de fazer qualquer obra, desde uma estrada até um canal; desde um moinho até á máchina de cunhar dinheiro; desde a construcção dos carrinhos de conduzir terra até aos barcos de vapor; desde uma viola até um rabecão: desde uma cavalhariça até o theatro *agrião*, tudo ha-de vir de fóra, tudo ha-de ser feito por estrangeiros; porque se diz nas camaras, e diz tambem quem manda — *que os portuguezes não teem prática, e que nos devemos fiar nos eximios mestres que vem das terras classicas das estradas, dos canaes, das máchinas, dos rabecões e dos theatros.....* ¡ Pobres portuguezes!... mas se algum se quer instruir e quer vêr praticamente como se dá á bomba noite e dia por tempo de muitos mezes seguidos; como se funda uma parede sobre estacaria mettida *macarronicamente;* como se fazem alicerces ondulados, saltando por cima de paredes velhas em arcos e arquinhos de tijolo; como se faz uma ponte de varios arcos para uma bateria de illuminação na bocca do proscenio; como emfim se executa tanta coisa bonita, então fecha-se a porta, põe-se-lhe uma sentinella, e até se toma um grande cuidado para que não entre alli ninguem disfarçado em pedreiro, ou trabalhador!.....

Pobres portuguezes, pagae, pagae, e não queiraes saber de mais nada, nem d'onde vos ha-de vir o dinheiro para pagar.

Bem haja eu, que não sendo architecto, assim mesmo observei sempre o agriãozinho, vi-o nascer e ir crescendo, vi-o deitar as primeiras folhas, e se Deus me conservar a triste vida hei-de observal-o até lhe vêr pôr os telhados de lata. Emquanto a poeira das paredes inficcionou aquella gente que alli manda, e fechavam as portas escrupulosamente, eu espreitava pelas taliscas do tapume; depois que vieram as primeiras aguas e lavaram a poeira, quando as terriveis portas se abriram, tive o gosto de vêr de perto os belichesinhos, que se chamam botequins, sala de entrada particular para Suas Magestades, salão de entrada pela parte da praça de D. Pedro, e mais umas coelheiras que jazem lá da parte da rampa dos cavallos; mas que ninguem ainda sabe para que são feitas.

Ora bem, Sr. Redactor, como eu nada intendo de architectura ía comparando as diversas repartições do *agrião* com aquillo que eu conhecia, e que me parecia ser mais similhante; todavia ha coisas alli que não pude comparal-as com outros objectos conhecidos: principiarei pela entrada principal da praça de Camões.

Quem vê o salão da entrada, e os camarinzinhos adjacentes conhece logo que o risco foi tirado de uma caixa de jogo do voltarete; o tal salão é para os tentos redondos e compridos, e as caixinhas dos lados para arrumar os baralhos de cartas: o terreno está muito bem aproveitado; porque as paredes divisorias d'estas caixinhas terão por ahi 18 polegadas de espessura. Mas pelo menos parece que o sr. architecto italiano renunciou o projecto de lhe metter no centro as quatro columnas, e dos lados as meias columnas, para não apresentar um carcere logo á entrada, que muita gente julgaria ter ainda ficado da velha inquisição; tambem não é possivel cobril-o de abobada, como intentava, e deixar-lhe no centro um óculo para as meninas verem d'alli os tafues que passeassem por baixo de seus pés, ufanos d'isso mesmo, e dando-lhe o coração para estrado. A lembrança era romantica e mesmo digna das artes italianas, tenho pena que não fosse ávante; mas agora já não póde ser, salvo se a dicta abobada se fizer de papelão, d'essa massa moderna que se chama — cartão pedra; pois é leve e propria para taes paredes. Dizem que terá por cima um sobrado de pinho e que alli ha-de ser o salão de companhia, egual em área á da casa que Socrates edificava para si; é certo porém que n'este tempo em que estamos me parece ainda muito grande para encher de verdadeiros portuguezes: *Fidelem ubi invenias virum?* ¡ Portuguezes verdadeiros!...

Rien n'est plus commun que le nom,
Rien n'est plus rare que la chose.

O theatro *agrião* é um monumento que se está levantando em prova d'isto.

Lá no fim do corredor de travez que fica entre a caixa dos tentos e a platéa á esquerda da entrada, vê-se uma coisa que parece ser a escada de caracol para serventia das gallerias superiores do povo, ou torrinhas; mas é de caracol partido ao meio com um lanço de escadas semicircular, e outro direito, entermediando um pequeno patim: d'esta maneira não é tão perigosa como a primeira projectada no risco italiano; parece que as palmatoadas aproveitaram alguma coisa. Por esta fórma já não é necessario ter alli uma maca para levar os spectadores para o alto de S. João: agora o mais que póde acontecer a quem por alli subir e escorregar no meio do caracol é romper a cuada das calças ou esmurrar as ventas. Tambem as palmatoadas aproveitaram para se resolverem a dar ás paredes das fachadas as grossuras convenientes, tiraram alguma coisa á largura das gallerias, e deram-n'a ás paredes, ainda bem, para não ser tão perigosa a ratoeira como se riscou primeiramente; mas eis-aqui porque o risco primitivo e approvado nunca appareceu á luz; porque a estas horas deve estar tão cheio de remendos, como um d'esses mendigos que se catam ao sol.

As escadas para os botequins já teem os primeiros degráus, e podem alli aprender os nossos architectos a fazer escadas elegantes e bem lançadas; teem tres degráus á vista debaixo da esguia porta por onde se ha-de entrar: parece que andaram por alli os officiaes da camara municipal a fazel-as recolher para dentro da parede, e ficaram assim as pobres escadas com os dedos dos pés de fóra como os frades mendicantes nas sandálias. A esguia porta não sei como se ha-de abrir; porque a escada continúa a subir, e só tem alli um patim muito estreito, não sei como lhe hão-de pôr umas vidraças para evitar o incommodo do vento; mas vi dos lados dois rasgues praticados na cantaria, póde ser que as ditas portas e vidraças sejam a modo de adufa para correrem acima quando alguem pertender entrar. Quanto á entrada pelo lado da principal fachada da Praça de D. Pedro, postoque seja por isso mesmo uma entrada de travéz, bem sei eu que foi tirado o risco da entrada que ha pela casa da sacristia do Loreto para a egreja, que é como o buraco da Sr.ª da Lapa na Beira Alta; mas como entra ainda mais gente pela dicta sacristia, do que pela porta principal da mesma egreja, fez-se tambem aquella entrada do *agrião* á sua similhança; tudo é italiano: as obras confirmadas pela pratica são muito boas.

A platéa cresceu muito com as ultimas chuvas; mas foi no Diario do Governo; porque vendo-se a tal ferradura lá de dentro, toda a gente conhece que é outra tal como a da Rua dos Condes. Ainda se não póde ver quantos camarotes haverá por lado; mas se elles forem similhantes (proporções guardadas) ás esguias portas dos botequins, então póde ter muitos. — Forte caixa de theatro, — (diziam algumas senhoras de capa que por alli passeavam); mas um gaiato que as ouviu, lhes respondeu. — Não que esta caixa nem é para tabaco, nem para guardar a roupa, é para ter bastidores, e entrarem n'ella muitos comicos, e tambem cavallos, danças etc., eu tenho entrado muitas vezes na da Rua dos Condes, e se ella não é mais larga do que esta, pelo menos é mais comprida; ora se o theatro da Rua dos Condes sempre foi tido por um chiqueiro, para que veem as senhoras gabar o *agrião* sem saberem o que dizem. — Ouvindo isto lembrei-me que o tal rapaz seria o celebrado — Gaiato de Lisboa — por ser tão discreto; mas eram já horas de ir jantar, saí pela plancha-da fóra, e ausentei-me com tenção de voltar no futuro domingo; mas entretanto saíu o decreto da *commissão*, fechou-se a porta, e a adeus *agriãosinho;* emquanto não estiveres mais vigorado e robusto nem eu te posso ver senão por entre os resquicios ou frinchas do ripado, nem as senhoras de capa e lenço podem celebrar a tua adolescencia: — adeus, primor das artes italianas, até um dia.

De V. constante leitor
Philo-Sisymbrium.

MEDICINA SEM MEDICINA.

1604 Com este titulo publicou o Sr. Doctor Jacinto Luiz Amaral Frazão um opusculo de 64 paginas em oitavo grande, que se acha á venda na loja de *Borges*, livreiro ao Chiado.

Não ha ossos mais duros no officio de redactor, do que a obrigação de julgar os livros novos; mas nenhuma obrigação tambem nos corre mais apertada, do que a de fallar verdade, se não é a do não mentir. Outrem que faça em taes casos o que mais commodo lhe parecer, nós, — custe o que custar aos outros e a nós mesmos, — havemos de dizer lisa e chãmente de cada coisa o que ella em realidade se nos figura: — e, vindo já a este opusculo do Sr. Frazão, confessaremos — que o seu sistema se nos representa uma solemne utopía, um formoso sonho de sabio, a methamorphose da natureza em mythologia, operada por um coração honesto e charitativo, mas enganado no seu caminho pela mesma vehemencia dos seus bons desejos.

Medico, vivendo da clínica e bem conceituado entre os de sua profissão, o Sr. Frazão declara á medicina uma guerra de morte. Esta abnegação de interesses reaes prova pelo menos em seu favor uma probidade incorruptivel, e uma convicção inabalavel, qualidades ambas rarissimas n'esta edade de duvida e de egoismo. — Contende elle que a medicina, como se intende, e pratica, e o genero de vida, que se tem na sociedade por culpa da má organisação, e do que se chama civilisação, contrariam os designios do Auctor da natureza. Que este fizera os homens para gozarem de perenne saude e preencherem uma duração mais que secular. — Devendo-se seguir d'aqui dois corolarios: — 1.°, que o modo de viver deve ser transformado de artificialissimo, que é, em simplicissimo: — 2.°, que medicina, que deixa morrer os homens em tanto numero, em todas as edades, e de tantos e tão diversos modos, deve ser extirpada, substituindo-lhe outra, a que elle chama *preventiva*, isto é, a hygiéne: consistindo principalmente nos exercicios gymnasticos.

Do desinvolvimento d'este segundo corolario é que o auctor, depois de o haver estudado ampla e profundamente por espaço de muitos annos, se deseja encarregar creando uma eschóla theorica e pratica de *medicina sem medicina*, uma vez que o governo para ahi concorra com o pouco de que se ha mistér para a realisação de tal projecto.

«Além das vantagens — diz o auctor — indicadas, «como consequencia da projectada reforma, já bem «numerosas e bem recommendaveis por sua immensa «importancia, seria facil deduzir muitas outras; porém «lembraremos, que tornando-se a final desnecessaria «a medicina curativa, no sentido do celebre Platão, «desnecessarios virão a ser os hospitaes, civís e mili«tares, com todo o seu pessoal, material e enorme cos«teamento; desnecessarios os hospitaes ou casas de in«válidos; os lazaretos; os cordões sanitarios; e até os «estabelecimentos d'ensino, universidades, collegios, «academias, etc. etc. O que augmenta consideravel«mente os serviços da medicina filosofica. Sendo estes «agora indicados d'um allivio inapreciavel para o pu«blico pela parte das contribuições necessarias para «tão enorme costeamento.

«Comtudo até por esta especie particular de serviço «de *Economia Publica*, não merece este plano a pueril «recusa por falta de meios. Se é que não quizermos «mesmo comparar os seus beneficios com os de muitas «emprezas custosissimas, de caminhos de ferro, de na«vegação a vapor, de pontes pensis, o Tunnel de Lon«dres, etc.; e entre nós, a do theatro nacional, do «monumento de D. Pedro, e mesmo do hospital dos «doidos!»

Não podendo escurecer a grande, a immensa exageração, que o auctor faz de principios, aliàs verdadeiros, parece-nos todavia que as doctrinas d'este opusculo merecem meditadas; e que sem se arrasarem as aulas medicas, os hospitaes e as boticas — males grandes, mas grandemente necessarios — o projectado instituto do Sr. Frazão, não só se devia consentir, mas favorecer; porque se não podemos aspirar a ser todos macrobios, se não ha seguramente meio de pôr um veto nos aneurismas, nas apoplexias, na *coqueluche*, etc. é entretanto certo, que os exercicios corporaes, tão despresados na nossa creação, uma hygiéne fundada no verdadeiro conhecimento do nosso sêr physico e moral, e sobre tudo a diminuição do luxo ruinoso, e mais ruinoso ainda para o corpo do que para os havêres, poderão em muitos casos dilatar a existencia, previnir muitas molestias, e as inevitaveis tornal-as menos perigosas. Procurando a pedra philosophal achou-se a Chymica; teimando por descobrir o motu contínuo adiantou-se a Physica, — é provavel que as diligencias para resolver a quadratura do circulo tenham dado n'outros tempos incremento á Geometria. O pensamento do Sr. Frazão, mais alto, mais humano, e infinitamente mais util que todos esses poderá, se o reduzirem por um immenso decóte ás suas justas dimensões, trazer á nossa especie bens, por onde o nome do auctor deva ser em todos os tempos abençoado.